

A ALIANÇA E A INTERNACIONAL

ORGANIZAÇÃO DE QUADROS E
ORGANIZAÇÃO DE MASSAS

MIKHAIL BAKUNIN

Nossas Referências



③ COPYLEFT

É livre, e inclusive incentivada, a reprodução deste livro, para fins estritamente não comerciais, desde que a fonte seja citada e esta nota incluída.

Edição, revisão e preparação:
ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA LIBERTÁRIA (OSL)

Projeto gráfico, diagramação e capa:
MAYCON MACIEL

Organização Socialista Libertária (OSL)
www.socialismolibertario.net

SUMÁRIO

Nossas Referências	5
--------------------	---

■ MIKHAIL BAKUNIN

Organização de Quadros: Aliança	7
------------------------------------	---

Programa da Sociedade da Revolução Internacional (1868).....	9
Carta a Tomás González Morago (21 de maio de 1872).....	29
Irmãos da Aliança na Espanha (12-13 de junho de 1872).....	49

Organização de Massas: Internacional	67
---	----

A Política da Internacional (7, 14, 21 e 28 de agosto de 1869).....	69
--	----

Nossas Referências

Nossas Referências é o nome da coleção de textos selecionados pela Secretaria de Formação Política da **Organização Socialista Libertária (OSL)**. Com contribuições de anarquistas e organizações anarquistas de diferentes épocas, essa coleção serve para orientar a discussão teórica da militância da **OSL**, e também de outras pessoas que tenham interesse nos temas abordados. Trata-se de um material de referência para a organização, cuja concordância com suas linhas gerais não implica necessariamente acordo absoluto. Esse material certamente não esgota todas as demandas teóricas organizacionais, mas constitui um bom ponto de partida para subsidiar os aprofundamentos necessários.

Boa leitura!



“Programa da Sociedade da Revolução Internacional” foi digitalizado a partir do livro Catecismo Revolucionário/Programa da Sociedade da Revolução Internacional (Imaginário/Faísca, 2009). “Carta a Tomás González Morago” e “Irmãos Aliança Espanha” foram digitalizados a partir do livro Obras Seletas, vol. I (Intermezzo, 2016). Traduções de Plínio A. Coêlho. Edições realizadas por aqueles responsáveis pela seleção desse material.

Mikhail Bakunin

**ORGANIZAÇÃO
DE QUADROS:
ALIANÇA**

**Mikhail
Bakunin**

PROGRAMA DA SOCIEDADE DA REVOLUÇÃO INTERNACIONAL (1868)



PRIMEIRA PARTE: PRINCÍPIOS TEÓRICOS

I. *Negação de Deus e do princípio da autoridade, tanto humana quanto divina, bem como de toda tutela exercida por homens sobre homens — mesmo quando se quisesse exercer essa tutela sobre indivíduos maiores mas privados de instrução, ou então sobre massas ignorantes, seja em nome de uma inteligência superior, seja, inclusive, em nome da razão científica, representada por um grupo de homens — inteligências reconhecidas e tituladas — ou*

por uma classe exclusiva qualquer, e que formaria uma ou outra uma espécie de *aristocracia da inteligência* — a mais odiosa e a mais nociva de todas para a liberdade.

NOTA 1. A ciência positiva e racional é a única luz que possa induzir o homem ao conhecimento da verdade, e que seja capaz de regular sua conduta, bem como suas relações na sociedade. Mas ela está sujeita a erros, e mesmo que não os cometesse, não deveria absolutamente arrogar-se o direito de governar os homens contrariamente às suas convicções e à sua vontade. Uma sociedade verdadeiramente livre só poderia conceder-lhe dois direitos, dos quais o exercício para ela é por sinal um dever: o *primeiro* é a educação e a instrução dos indivíduos de ambos os sexos, igualmente acessíveis e obrigatórios para todas as crianças e adultos até sua maioridade — idade em que a ação de toda autoridade deve cessar; *segundo*, fazer penetrar suas concepções, seus juízos em todas as convicções, por meio de uma propaganda absolutamente livre.

NOTA 2. Rejeitando absolutamente, sob todas as suas formas possíveis, a *tutela* que a inteligência desenvolvida pela ciência e pela prática dos negócios, dos homens e da vida, teria desejado exercer sobre as massas ignorantes, estamos longe de negar sua *influência natural e salutar* sobre essas massas, — desde que essa influência só se exerça de uma maneira completamente simples, pela ação natural de toda inteligência superior sobre as inteligências inferiores, e que não seja revestida de nenhum caráter oficial nem de qualquer privilégio, seja político, seja so-

cial, — duas coisas que nunca deixam de produzir, de um lado, a subjugação das massas, e do outro, a corrupção e a imbecilização das inteligências que são dela revestidas.

II. *Negação do livre-arbítrio e do direito da sociedade de punir* — todo indivíduo humano, sem nenhuma exceção, jamais é outra coisa que o produto involuntário de seu meio natural e social. — As quatro grandes causas de toda imoralidade humana são:

1. *A ausência de higiene e de educação racionais;*
2. *A desigualdade das condições econômicas e sociais;*
3. *A ignorância das massas, que dela resulta naturalmente, e;*
4. *Sua consequência necessária — a escravidão. A educação, a instrução e a organização da sociedade segundo a liberdade e a justiça devem substituir a punição. Durante toda a época transitória, mais ou menos longa, e que não pode deixar de acompanhar a revolução social, a sociedade, no interesse de sua própria defesa contra indivíduos incorrigíveis, não culpados, mas perigosos, jamais lhes aplicará outra pena senão aquela da colocação fora de sua garantia e de sua solidariedade — a exclusão.*

III. *A Negação do livre-arbítrio não é absolutamente aquela da liberdade. A liberdade é, ao contrário, a consequência necessária, o produto da fatalidade natural e social.*

NOTA 1. O homem não é livre em relação às leis da natureza, que constituem a própria base e a condição absoluta de seu ser. Elas o penetram e o dominam

assim como dominam e penetram tudo o que existe. De nada adiantaria instruí-lo quanto à fatal onipotência delas: toda veleidade de revolta de sua parte resultaria em um suicídio. Todavia, por uma força que é inerente à sua natureza particular, e que o leva fatalmente a realizar, a conquistar as condições de sua vida, *o homem pode e deve emancipar-se gradualmente da obsessão e da hostilidade esmagadora e natural do mundo exterior — seja físico, seja social — que o cerca, pelo pensamento, pela ciência e pela aplicação do pensamento ao instinto de querer, por sua inteligente vontade.*

NOTA 2. O homem é o último elo, o termo superior da série ininterrupta dos seres, que, partindo dos elementos mais simples e até ele, constituem o mundo conhecido. É um animal que, graças ao desenvolvimento superior de seu organismo, e especialmente de seu cérebro, é dotado da faculdade de pensar e falar. Aí está toda a diferença que o separa de todas as outras espécies de animais — seus irmãos mais velhos quanto ao tempo, seus irmãos mais novos quanto à capacidade intelectual. Mas essa diferença é enorme. Ela é a única causa de tudo o que denominamos nossa história, e eis em poucas palavras o resumo e o sentido: *o homem parte da bestialidade para chegar à humanidade, isto é, à constituição de sua existência social pela ciência, pela consciência, por seu trabalho inteligente e pela liberdade.*

NOTA 3. *O homem é um animal social, como o são muitos outros animais que surgiram na terra antes dele. Ele não cria a sociedade por um livre contrato, vive em*

seu seio e não poderia viver como homem, nem mesmo tornar-se um homem, nem pensar, nem falar, nem querer, nem agir racionalmente fora dela. A sociedade constituindo sua natureza humana, dela depende tão absolutamente quanto da própria natureza física, e não há gênio tão grande que não seja absolutamente dominado por ela.

IV. *A solidariedade social é a primeira lei humana; a liberdade, a segunda.* Essas duas leis, penetrando-se mutuamente, e inseparável uma da outra, constituem toda a humanidade. A liberdade não é a negação da solidariedade, ela é seu desenvolvimento e, por assim dizer, sua humanização.

V. *A liberdade não é absolutamente a independência do homem em relação às leis fatais da natureza e da sociedade.* É, de início, sua força de emancipação gradual da opressão do mundo físico exterior — pela ciência e pelo trabalho inteligente; é, em seguida, seu direito de dispor de si mesmo e de agir em conformidade com suas próprias convicções e ideias — direito oposto às pretensões despóticas e autoritárias, seja de um outro homem, seja de um grupo ou de uma classe de homens, seja de toda a sociedade.

NOTA 1. Não se deve confundir as leis sociológicas, também chamadas leis da fisiologia social, e que são tão fatalmente obrigatórias para todo homem quanto o são as leis da própria natureza física, — sendo, na realidade, leis tão físicas quanto estas últimas — não se deve confundi-las com as leis políticas, penais e civis que são mais ou menos a expressão dos modos,

dos costumes, dos interesses bem como das opiniões que, numa determinada época, dominam na sociedade ou numa parte, numa classe da sociedade. É completamente natural que, sendo reconhecidas pela maioria dos homens ou mesmo por uma classe dominante, elas exercem uma poderosa influência natural — boa ou má, segundo seu caráter particular — sobre cada um. Mas não é nem bom, nem legítimo, nem justo, nem mesmo útil para a própria sociedade, que essas leis possam impor-se autoritariamente ou violentamente a qualquer indivíduo que seja, contrariamente às suas próprias convicções. — Seria um atentado à sua liberdade, à sua dignidade pessoal, à sua própria humanidade.

VI. *A sociedade natural na qual todo homem nasce, fora da qual ele jamais poderia tornar-se um homem inteligente e livre, só se humaniza verdadeiramente à medida que todos os homens dos quais ela é composta, tornam-se cada vez mais, individual e coletivamente livres.*

NOTA 1. Ser pessoalmente livre significa para o homem vivendo no meio da sociedade não submeter nem seu pensamento nem sua vontade ante qualquer outra autoridade senão aquela de sua própria razão e de sua própria concepção de justiça; não reconhecer, em resumo, outra verdade senão aquela que ele compreende, e não suportar outra lei senão aquela que sua própria consciência pode aceitar. Tal é a *condição sine qua non* de toda dignidade humana, o direito incontestável do homem — o signo de sua humanidade.

Ser coletivamente livre é viver no meio de homens livres e ser livre por sua liberdade. O homem, já dissemos, só poderia tornar-se um ser inteligente dotado de uma vontade refletida, e, por consequência, não poderia conquistar sua liberdade individual fora e sem o concurso de toda a sociedade. A liberdade de cada um é, portanto, o produto da solidariedade comum. Mas essa solidariedade, uma vez reconhecida como base e condição de toda liberdade individual, evidencia que, se um homem está no meio dos escravos, ainda que fosse seu amo, seria necessariamente o escravo de sua escravidão, e só poderia tornar-se real e completamente livre por sua liberdade. Portanto, a liberdade de todo o mundo é necessária à liberdade; daí resulta que não é absolutamente verdadeiro dizer que a liberdade de todos seja o limite de minha liberdade, o que equivaleria a uma completa negação desta última. Ela é, ao contrário, a sua confirmação necessária e sua extensão ao infinito.

VII. *Liberdade individual de cada um só se torna real e possível pela liberdade coletiva da sociedade, da qual por uma lei natural e fatal ele faz parte.*

NOTA 1. A liberdade, assim como a humanidade da qual ela a mais pura expressão, não está absolutamente no começo, está no último termo da história. A sociedade humana, como dissemos, começa por sua bestialidade. Os homens naturais e selvagens reconhecem tão pouco seu caráter humano e seu direito natural que eles começam por entredevorar-se e, infelizmente ainda hoje, não cessaram de matar-se mutuamente. O segundo período no desenvolvimento histórico da

sociedade humana é aquele da escravidão. O terceiro, no meio do qual vivemos, o da exploração econômica ou do salariado. O quarto período, aquele ao qual tendemos, e ao qual ao menos devemos esperar, buscamos, é o da justiça, da liberdade na igualdade ou da mutualidade.

VIII. *O homem natural só se torna um homem livre, ele só se humaniza e se moraliza, só reconhece, em resumo, e só realiza em si mesmo e para si mesmo seu próprio caráter humano e seu direito à medida que reconhece esse mesmo caráter e esse direito em todos os seus semelhantes.* — No interesse de sua própria humanidade, de sua própria moralidade e de sua liberdade pessoal, o homem deve querer a liberdade, a moralidade e a humanidade de todos.

IX. *Respeitar a liberdade alheia é, portanto, o dever supremo de todo homem. Amá-la e servi-la — eis a única virtude. É a base de toda moral; não existe outra.*

X. A liberdade sendo o produto e a mais elevada expressão da solidariedade, isto é, da mutualidade, ela só é completamente realizável na igualdade. A igualdade política não pode estar fundada senão na igualdade econômica e social. A realização da liberdade por essa igualdade — eis a justiça.

XI. O trabalho sendo o único produtor de todos os valores, utilidades ou riquezas sociais, o homem que é por excelência um ser social, não poderia viver sem trabalho.

XII. Só o trabalho associado pode bastar à existência de uma sociedade numerosa e ao menos um pouco ci-

vilizada. Tudo o que denominamos civilização só pôde ser criado pelo trabalho associado. Todo o segredo da produtividade infinita do trabalho humano consiste de início na aplicação da inteligência mais ou menos científica, desenvolvida, e que é sempre ela mesma o produto de um trabalho ulterior e contemporaneamente associado; e, em seguida, na divisão do trabalho, mas ao mesmo tempo também numa certa combinação ou associação do trabalho assim dividido.

XIII. Todas as injustiças históricas, todas as guerras, todos os privilégios políticos e sociais têm por base e por objeto principal a subjugação e a exploração de um trabalho associado qualquer, tirando proveito de um trabalho forçado sem descanso, da ignorância e de uma miséria sem saída.

XIV. A civilização da minoria encontra-se, assim, fundada na barbárie forçada da maioria. Os privilegiados de todas as colorações política e sociais, todos os representantes da propriedade são, pela própria força de sua posição, os inimigos naturais, os exploradores e os opressores das grandes massas populares.

XV. O lazer — esse precioso privilégio das classes dominantes — sendo necessário ao desenvolvimento da inteligência, e um certo conforto assim como uma certa liberdade de movimentos e ação sendo igualmente indispensáveis àquele dos caracteres, é completamente natural que essas classes tenham se mostrado de início mais civilizadas, mais inteligentes, mais humanas e até um certo ponto inclusive mais morais do que as massas. Mas como, de um lado, a ociosidade, assim como o pri-

vilégio, enfraquecem o corpo, dessecam os corações e falseiam os espíritos, fazendo-lhes amar e perseguir a mentira e a injustiça, absolutamente compatíveis com seu interesse exclusivo, mas por isso mesmo contrários ao interesse de todo o mundo, é evidente que as classes privilegiadas tiveram de cair cedo ou tarde na corrupção e na imbecilidade, e no servilismo. É, com efeito, o que vemos hoje.

XVI. Por outro lado, a ausência total de lazer e o trabalho forçado tiveram necessariamente de condenar as massas à barbárie. O próprio trabalho não pode desenvolver sua inteligência, pois sua ignorância forçosamente hereditária, toda a parte inteligente de trabalho, as aplicações da ciência, a combinação e a direção das forças produtivas, foram e ainda se encontram quase exclusivamente reservadas aos indivíduos da classe burguesa; só a parte muscular, ininteligente, mecânica, tornada ainda mais obediente pela divisão do trabalho, foi abandonada ao povo, que se encontra, assim, extenuado, no sentido pleno desse termo, por seu trabalho cotidiano.

Pois bem, malgrado tudo isso, graças à força de moralização que é inerente ao trabalho, graças ainda ao fato de que, reivindicando justiça, liberdade e igualdade para si mesmo, o trabalhador implicitamente as reivindica para todos, pois não existe ser humano que seja mais indignamente tratado do que ele — talvez a mulher e a criança; — graças, enfim, ao fato de não ter usado e abusado da vida, e que, por consequência, não é nem um pouco blasé, e, por falta de instrução, tem ao menos essa imensa vantagem que seu coração e seu espírito virgens não foram absolutamente corrompidos nem falseados por interesses egoístas e pela mentira interesseira; — que conservou

intacta toda a energia natural de seu caráter — enquanto todas as classes privilegiadas afundam, debilitam-se e apodrecem, só o operário crê na vida, só ele representa, ama e quer hoje a verdade, a liberdade, a igualdade, a justiça; — só a ele pertence o futuro.

XVII. Nosso *programa socialista*. Ele exige e deve exigir:

1. A igualização política, econômica e social de todas as classes e de todos os indivíduos humanos sobre a terra.
2. A abolição da propriedade hereditária.
3. A apropriação da terra — pelas associações agrícolas; do capital e de todos os instrumentos do trabalho — pelas associações industriais.
4. A abolição do direito patriarcal, do direito da família, isto é, do despotismo do marido e do pai, fundado unicamente no direito da propriedade hereditária. E a igualização dos direitos da mulher com os do homem.
5. O sustento, a educação e a instrução tanto científica quanto industrial, inclusive todos os ramos do ensino superior, igual para todas as crianças de ambos os sexos, e obrigatórias até a maioridade, às custas da sociedade.

A escola deve substituir a Igreja e tornar inúteis os códigos penais, as punições, a prisão, o carrasco e o policial.

As crianças não são propriedade de ninguém, nem de seus pais, nem mesmo da sociedade — elas pertencem à sua liberdade futura. Mas essa liberdade nas crianças ainda não é real; — ela só existe em potência — a liberdade real, isto é, a plena consciência e a prática da liberdade em cada um, embasada principalmente no sentimento

da dignidade pessoal e na justiça, — essa liberdade só pode realizar-se nas crianças pelo desenvolvimento racional de sua inteligência, e por aquele de seu caráter, de sua inteligente vontade. — Daí resulta que a sociedade, da qual todo o futuro depende da educação e da instrução das crianças, e que tem, por consequência, não apenas o direito, mas o dever de vigiá-los — é o tutor natural de todas as crianças dos dois sexos; e como ela será doravante a única herdeira, o direito de herança individual devendo ser abolido, ela considerará naturalmente como um de seus primeiros deveres fornecer todos os recursos de manutenção, educação e instrução indistintamente para todas as crianças dos dois sexos, fazendo abstração de seus pais e de sua origem.

O direito dos pais deverá limitar-se a amar seus filhos e a exercer sobre eles uma autoridade natural, desde que essa autoridade não seja contrária a sua moralidade, a sua inteligência e a sua liberdade futura. — O casamento político e civil e toda intervenção da sociedade nos assuntos do amor devem desaparecer. — As crianças pertencerão naturalmente, não de direito, sobretudo à mãe, sob a vigilância inteligente da sociedade.

As crianças, sobretudo em sua tenra idade, sendo incapazes de raciocinar e dirigir sua conduta, o princípio de *tutela e autoridade*, que deve ser absolutamente excluído da sociedade, encontra seu lugar natural em sua educação e sua instrução. Todavia, deve ser uma *autoridade realmente humana e inteligente* e absolutamente estranha a toda reminiscência teológica, metafísica, jurídica, e, partindo desse princípio que nenhum ser humano é bom ou mal ao nascer, e que o bem, isto é, *o amor pela liberdade, a consciência da justiça e da mutualidade, o culto, ou melhor, o respeito e o hábito pela verdade, pela*

razão e pelo trabalho — não poderia ser desenvolvido em cada um senão por uma educação e por uma instrução racionais, fundadas no respeito manifesto e sensível, prático e teórico, simultaneamente, dessa razão, dessa justiça e dessa liberdade — essa *autoridade*, digo, deve ter por objetivo único a preparação de todas as crianças à mais completa liberdade. Ela só poderá chegar a esse fim aniquilando-se a si mesma gradualmente, dando lugar à liberdade das crianças à medida que se aproximarem da maioridade.

A instrução deverá abraçar todos os ramos da ciência, da tecnologia e da indústria humana. — Ela deve ser ao mesmo tempo científica e profissional, geral obrigatoriamente para todas as crianças, e especial segundo as disposições e os gostos de cada uma; a fim de que cada rapaz e cada moça, saídos das escolas e reconhecidos maiores de idade e livres — estejam igualmente aptos para trabalhar com a cabeça e com as mãos.

Uma vez emancipados, eles serão absolutamente livres para associar-se pelo trabalho ou não se associar, porque, a partir do momento que o direito de herança for abolido, e que a terra tanto quanto os capitais tiverem se tornado propriedade da federação internacional, ou melhor, universal das associações operárias livres, não haverá mais lugar nem possibilidade de concorrência, quer dizer, de existência para o trabalho isolado.

Ninguém poderá mais explorar o trabalho alheio. — Cada um deverá trabalhar para viver. Cada um será livre para morrer de fome por não trabalhar, a menos que encontre uma associação ou uma comuna que consinta alimentá-lo por piedade. Mas, então, provavelmente, se achará justo não reconhecer-lhe nenhum direito político enquanto ele, sendo capaz de trabalhar, preferir a vergo-

nha de viver do trabalho alheio; todos os direitos políticos e sociais só devem ter por base o trabalho de cada um. Por sinal, esse caso só poderá ocorrer durante a época de transição, quando ainda haverá naturalmente muitos indivíduos, emanados da organização atual da injustiça e do privilégio, e que não foram educados na consciência da justiça e da verdadeira dignidade humana, bem como no respeito e no hábito do trabalho. Em relação a esses indivíduos, a sociedade revolucionária ou revolucionada encontrar-se-á na embaraçosa alternativa de forçá-los ao trabalho, o que seria o despotismo — ou deixar-se explorar pelos preguiçosos, o que seria uma nova escravidão e uma nova fonte de corrupção para toda a sociedade.

A preguiça, numa sociedade organizada segundo a igualdade e a justiça, — bases de toda liberdade — com um sistema tradicional de educação e instrução, e sob a pressão de uma opinião pública que, tendo o trabalho por principal fundamento, desprezará os vagabundos — tornar-se-á impossível. Por se tornar uma raríssima exceção, ela será considerada com razão como uma enfermidade, e será tratada como tal nos hospitais.

Só às crianças, quando tiverem alcançado um certo grau de força, e só mais tarde, no caso de ser necessário, lhes será disponibilizado o tempo adequado para instruir-se e não ser absolutamente sobrecarregadas de trabalho sem desonra e sem renunciar por isso mesmo a seus direitos de cidadãos livres.

XVIII. *Os operários, no próprio interesse de sua emancipação econômica, radical e completa, deverão exigir a*

abolição completa e definitiva do Estado com todas as instituições do Estado.

NOTA 1. O que é o Estado? É a organização histórica dos princípios da autoridade e da tutela, divinas e humanas, exercidas sobre as massas populares, seja em nome de uma religião qualquer, seja em nome da inteligência exclusiva e privilegiada de uma ou de várias classes de proprietários, e em detrimento dos milhões de trabalhadores dos quais elas exploram o trabalho associado e forçado. — A conquista, base primeva do direito da propriedade individualmente hereditária, foi por isso mesmo aquela de todos os Estados. — A exploração legalizada do trabalho das massas em proveito de uma certa quantidade de proprietários — fictícios em sua maioria, e só um pequeno número de reais — sancionada pela Igreja em nome de uma suposta Divindade, e que se fez sempre tomar o partido dos mais fortes ou dos mais astutos — chama-se *direito*. O desenvolvimento da riqueza, do conforto, do luxo e da inteligência refinada e desnaturada das classes privilegiadas — desenvolvimento tendo por base necessária a miséria e a ignorância da imensa maioria das populações — chama-se *civilização*; e a organização, a garantia de todo esse conjunto de iniquidades históricas chama-se *Estado*.

Portanto, os operários devem querer a destruição do Estado.

NOTA 2. O Estado, necessariamente fundado na exploração e na subjugação das massas, e como tal, opressor e violador de toda liberdade popular e de toda

justiça no interior, é forçosamente brutal, conquistador, pilha e carniceiro no exterior. O Estado, todo Estado — monarquia ou república — é a negação da humanidade. Ele é sua negação porque, colocando-se como objetivo supremo ou absoluto, ou *patriotismo dos cidadãos*, colocando, em conformidade com seu próprio princípio, o interesse de sua consagração, de seu poder e do aumento desse poder no interior tanto quanto de sua extensão no exterior, acima de todos os outros interesses no mundo, nega tanto os interesses particulares e o direito humano de seus súditos quanto aqueles das nações estrangeiras; ele rompe, por isso mesmo, a solidariedade universal das nações e dos homens, — coloca-os fora da justiça, fora da humanidade.

NOTA 3. O Estado é o irmão cadete da Igreja. Ele só poderia legitimar sua existência por uma ideia teológica ou metafísica qualquer. Sendo contrário à justiça humana, deve fundamentar-se na ficção teológica ou metafísica de uma justiça divina. No mundo antigo, a ideia de nação ou de sociedade não existia, — a sociedade era totalmente absorvida, invadida e dominada pelo Estado — e cada Estado extraía sua origem e seu direito particular de existência e dominação de um Deus ou de um sistema de Deuses quaisquer, tidos como protetores exclusivos de tal ou qual Estado. No mundo desconhecido, o homem era desconhecido, a própria ideia da humanidade não existia. Só havia cidadãos. Por isso, nessa civilização, a escravidão era um fato natural e a base necessária da liberdade dos cidadãos.

O Cristianismo tendo destruído o Politeísmo, e tendo proclamado um Deus único, levou os Estados a adotar os santos do paraíso cristão; — cada Estado católico teve um santo ou um certo número de santos protetores e padroeiros desse Estado — esses mediadores junto a Deus, que, por causa disso mesmo, meteu-se com frequência em problemas. Cada Estado, além do mais, acha útil ainda hoje proclamar que o bom Deus o protege de uma maneira exclusiva e especial.

A metafísica e a ciência de um direito fundado idealmente na metafísica, e, de fato, nos interesses das classes proprietárias, cuidaram igualmente de encontrar uma base razoável para a existência dos Estados. — Elas recorreram à ficção de um consentimento ou de um contrato universais e tácitos; ou então, àquela de uma justiça objetiva e do bem universal e público representados, dizem elas, pelo Estado. — O Estado, segundo os democratas jacobinos, tem por missão fazer triunfar o interesse universal e coletivo de todos os cidadãos sobre os interesses egoístas dos indivíduos, das comunas e das províncias isoladas. — É a justiça e a razão de todo o mundo dominando sobre o egoísmo e sobre a estupidez de cada um. — É, pois, a declaração da maldade e da desrazão de cada um em nome da sabedoria e da virtude de todos. — É a negação real, ou, o que quer dizer a mesma coisa, a limitação ao infinito de todas as liberdades particulares — individuais e coletivas — em nome da pretensa liberdade de todos — liberdade coletiva e universal, que não é nada além de uma opressiva abstração, deduzida da negação ou limitação do direito de cada um e fundada na escravidão real de cada um. — E

como toda abstração não poderia existir senão enquanto é apoiada pelo interesse positivo de um ser real — a abstração do Estado representa, com efeito, o interesse muito positivo das classes governantes, possuidoras, exploradoras e também nomeadas inteligentes, e a imolação sistemática dos interesses e da liberdade das massas subjugadas.

NOTA 4. O patriotismo — virtude e paixão políticas ou de Estado.

* Nota de Nettlau: fim do manuscrito
no meio da página 16.



**Mikhail
Bakunin**

CARTA A TOMÁS GONZÁLEZ MORAGO (21 DE MAIO DE 1872)



Caro Irmão — Tenho o direito de tratar-vos por esse nome inicialmente como um dos mais antigos irmãos fundadores da Aliança, em seguida como o amigo mais íntimo, o verdadeiro irmão daquele a quem chamamos de Christophe [Giuseppe Fanelli] e que, por nós enviado, foi ao final de outubro de 1868 de Genebra à Espanha, e foi na realidade o primeiro fundador tanto da Internacional como da Aliança, de início em Madri, mais tarde em Barcelona.

Se vós ouvistes falar mal de mim — e sei que o bando autoritário e governamental, direi simplesmente reacionário, de Marx, aproveitando-se de sua posição oficial no

Conselho geral de Londres e dos meios de propaganda que a Internacional dá-lhe não para intrigar contra seus adversários e em favor dessa ditadura que ele ambiciona e cobiça, — sei, digo que esse bando calunia-me da maneira a mais ultrajante, a mim e a meus amigos, enfim todos aqueles que não querem aceitar nem seu sistema nem sua ditadura; que ele dissemina por sua conta as mais odiosas e ridículas mentiras não só na Espanha, mas em todos os outros países. Sei que o sr. [Paul] Lafargue, o genro de Marx e o comissário extraordinário na Espanha, que segundo parece foi para lá enviado a fim de semear a discórdia e a desorganização na região espanhola, sei que ele apresentou-me aos Companheiros espanhóis sob as cores mais escuras. Mas tenho tão elevada ideia de vosso bom senso, de vosso instinto revolucionário, de vosso devotamento impessoal ao nosso grande princípio e à nossa grande causa, enfim, de vossa justiça e de vossa perspicácia, que espero que tenhais compreendido que, homens que são injuriados por Senhores como Lafargue e como os protetores e diretores de Lafargue, não podem ser maus. Enfim, se ainda necessito de uma recomendação de vossa parte, estou seguro de que os amigos que vos enviarão esta carta e nos quais deveis confiar, não me recusarão a deles. Vou, pois, falar-vos com toda confiança e com toda a autoridade de um irmão.

Uma notícia muito triste chegou-nos: a Aliança em Madri, bem como em Barcelona, dissolve-se, e em parte já está dissolvida. Consideramos essa dissolução como uma grande infelicidade do ponto de vista da solidariedade revolucionária de todos os países, e aqueles que foram a causa dessa dissolução e da publicação dos segredos da Aliança, de sua própria existência que deve permanecer sempre secreta e invisível e que nenhum de nós poderia

trair sem se desonrar e sem violar o mais supremo dever que nós nos engajamos mutuamente a observar, são grandes culpados.

Mas não é absolutamente para exprimir lamentos inúteis que eu vos escrevo esta carta, caro irmão; é para dizer-vos que os verdadeiros culpados, aqueles que traíram a aliança por maldade e por uma incurável fraqueza devem ser para sempre afastados, e que os bons, os enérgicos, os inteligentes, os devotados, os zelosos, os impessoais, aqueles que não buscam sua glória, mas o triunfo da revolução, aqueles que são capazes de afogar sua individualidade no pensamento e na ação coletiva, os apaixonados até à morte e ao mesmo tempo os *discretos* — estes devem reconstituir a Aliança, impondo-se uma lei suprema: *aquela* de não admitir nela senão homens muito sérios, tanto do ponto de vista da inteligência como da paixão revolucionária, mas sobretudo do ponto de vista do caráter testado.

Sob esse aspecto, a dissolução que ocorreu em alguns centros da Espanha pode ser considerada, de certo modo, como benéfica, porquanto ela permite reconstituir a Aliança entre vós sobre novas bases, muito mais sérias do que antes. Visto que vossos grupos puderam dissolver-se, é uma prova de que eles foram demasiado superficialmente recrutados e mal compostos. Proponho-vos, portanto, que doravante adotéis e imponde-vos uma regra que foi incorporada à prática dos grupos da Aliança de todos os países e da qual esses grupos experimentam todos os dias os efeitos benfazejos. Essa regra diz que cada grupo, cada seção de grupos doravante só receba em seu seio um novo membro por *unanimidade*, nunca só pela maioria das vozes, isto é, de todos os membros fazendo parte dessa seção ou desse grupo. Se sois apenas dois, só

deveis aceitar um terceiro se vós dois estiverdes perfeitamente de acordo e igualmente convictos da utilidade, da inteligência, do devotamente, da energia e da discrição que ele proporcionar-vos-á. E nessa escolha não deveis jamais vos deixar dirigir por qualquer outra consideração que não seja o pleno programa da Aliança, a perfeita concordância de seus sentimentos e de suas ideias com esse programa, e sua capacidade real de servi-los com energia, com discrição e com constância e prudência, e sobretudo sua capacidade de renunciar para sempre a toda iniciativa individual isolada e subordinar sempre sua própria ação à vontade coletiva, capacidade que os vaidosos e os ambiciosos jamais têm, pois o que eles buscam, amiúde sem se dar conta disso, o que eles buscam em todas as coletividades públicas ou secreta que eles encontram, é um pedestal para eles próprios, um estribo para sua gloriola ou elevação pessoal. Assim, impusemo-nos essa lei de nunca receber em nosso *sanctus sanctorum*, em nossa intimidade e fraternidade coletiva nenhum ambicioso, nenhum vaidoso, por mais conformes que sejam suas ideias e suas tendências apaixonadas com as nossas, por mais inteligentes e doutos que sejam e por maior que pudesse ser a utilidade que suas relações e sua influência sobre o mundo pudessem proporcionar-nos. Preferimos abrir mão disso do que os receber entre nós, certos como estamos de que sua ambição ou sua vaidade não deixariam de inocular entre nós, cedo ou tarde, os germes da divisão e da desorganização. Eles desejariam tornar-se chefes, diretores, senhores, e nós não reconhecemos nada disso entre nós, e como socialistas revolucionários, não devemos reconhecê-los. Só pode e deve ser nosso aquele que é capaz de mergulhar individualmente por inteiro na solidariedade fraternal e na

ação coletiva dos aliados, não para ali se tornar escravo, mas, ao contrário, para fortalecer-se e reencontrar-se forte, livre, inteligente, pela força, pela liberdade, pela inteligência e pela assistência sempre ativa e em toda parte presente de todos.

Nosso objetivo é criar uma coletividade revolucionária poderosa mas sempre invisível; uma coletividade que deve preparar a revolução e dirigi-la, mas que, mesmo em plena revolução, jamais ocupará nem ela em massa, nem qualquer um de seus membros, alguma posição oficial, pública ou governamental que seja, porquanto ela não tem na realidade outro objetivo senão demolir todos os governos e torná-los para sempre e em toda parte impossíveis, deixando ao movimento revolucionário das massas seu pleno desenvolvimento e à sua organização social, de baixo para cima, pela via da federação espontânea, a mais absoluta liberdade, mas sempre zelando para que esse movimento e essa organização jamais possam reconstituir autoridades, governos, Estados, e, combatendo todas as ambições, tanto coletivas (bandos do tipo daquele de Marx) como individuais, pela influência natural, *jamais oficial*, de todos os membros de nossa aliança, espalhados em todos os países, e poderosos unicamente por sua ação solidária e pela unidade do programa e dos objetivos que devem sempre existir entre eles.

Compreendeis agora que, para ser um digno membro da Aliança, é preciso ter muito caráter e uma séria paixão revolucionária, o diabo no corpo antes de tudo, e, em seguida, é preciso ter renunciado absolutamente e para sempre a todo interesse, a toda vaidade, a toda ambição, a toda carreira e a toda glória individual. Senti-vos capaz disso? Então, dai-nos a mão.

Tenho amigos muito caros, que amo do fundo de meu coração, que estimo muito como homens privados ou mesmo públicos, mas que eu nunca aceitaria como membros da Aliança, porque lhes faltam uma ou algumas condições que acabo de enumerar. Quanto aos ambiciosos e vaidosos, há alguns que podem prestar-nos grandes serviços, e é preciso saber utilizá-los. Mas sabeis como? Exercendo sobre eles a influência desejada por este ou aquele de nossos irmãos que tiver recebido a missão especial de ocupar-se disso, de até mesmo formar com eles, se necessário, alguma organização seja pública seja secreta; organização que eles na realidade conduzirão e dirigirão, subordinando-a *de fato* à Aliança, mas na qual eles parecerão desempenhar um papel subordinado sob a direção dos vaidosos e dos ambiciosos, coisa excessivamente difícil, de que bem poucos homens são capazes e que, por consequência, não se deverá fazer senão nos casos mais raros, mais extraordinários, e quando o jogo realmente valer o esforço e quando tivermos homens realmente capazes de desempenhar, sem desmoralizar-se, esse duplo papel.

Para exercer sobre os ambiciosos e sobre os vaidosos influentes, brilhantes e poderosos, seja pela posição deles, seja por seus talentos, uma ação útil, há um meio seguro: é entregar-lhes sempre a aparência da iniciativa, a honra da invenção, o papel brilhante e glorioso, contentando-se, não para si, mas para a Aliança inteira, com a realidade da ação e da força. É em geral um bom método, e ao mesmo tempo uma excelente prática na virtude da abnegação pessoal, esse de persuadir as pessoas às quais vós inspirastes uma boa ideia de que eles a inventaram e que a recebestes deles. Mas, repito-vos, tudo isso é excessivamente difícil e não poderá ser praticado sem perigo

senão por um grupo que tão bem e tão fortemente se constituiu e moralizou em si mesmo, que não tem mais nada a temer nem por sua própria moralidade, nem por aquela de qualquer de seus membros. E a primeira condição dessa moralidade de cada um e de todos é a completa transparência de cada um por todos — transparência abarcando tanto a vida privada como a vida pública de todos. É preciso que todos os aliados, a qualquer grau de organização que seja, todos aqueles que ao menos se conhecem e que devem viver, pensar e agir juntos, sempre em comum, é preciso que eles tornem-se realmente irmãos, todos tendo fé e confiança em cada um e cada um em todos. Isso só pode realizar-se por uma real e contínua prática da ação coletiva. No começo, pode-se muito bem prometer-se e ter a seríssima intenção de sê-lo, mas só se pode sê-lo por esse cotidiano da coletividade, exercício pelo qual a pessoa habitua-se, por um lado, a conhecer-se e a amar-se e ter confiança uma na outra e a apoiar-se uma na outra, e, por outro lado, a não mais pensar e agir senão em comum — cada uma trazendo à coletividade tudo o que há do melhor a propósito de pensamento, de maneira que um pensamento, uma vez emitido pelo indivíduo e aceito pela coletividade, logo se tornem um pensamento, não seu, mas coletivo. Inflexíveis para tudo o que tem relação com nosso princípio, com nossa lei suprema, com nossa moralidade, a transparência e a solidariedade mútua em todas as empresas e ações — inflexíveis para tudo o que toca ao interesse comum da Aliança — devemos ser muito indulgentes uns em relação aos outros, pois todos nós somos cheios de fraquezas, tolices, deficiências, defeitos como indivíduos isolados, e é por causa disso mesmo que reconhecemos a necessidade de viver e agir coletivamente. Nosso espírito,

nossa força não está absolutamente em cada um de nós isoladamente considerado, mas em nossa fraternidade, em nosso conjunto. Devemos, pois, perdoar-nos muito, desde que a Aliança nunca sofra com isso. E se acharmos que um de nossos irmãos fez mal, jamais devemos falar mal dele pelas costas, devemos dizer-lhe diante de todos os irmãos, mas lhe dizer fraternalmente, sem maldade, sem segundas intenções e sem triunfo de amor-próprio. Quando estivermos habituados a ervar essa regra suprema, condição absoluta de uma fraternidade constante e séria, nós nos tornaremos irmãos, e uma vez que nos tivermos tornado tais, com nosso programa, que é a mais justa e a mais completa expressão dos verdadeiros, dos mais profundos instintos e aspirações populares, constituiremos uma força por mais restrito que seja nosso número.

Mas para poder começar essa prática da fraternidade entre nós, é preciso que façamos de início boas escolhas e que não aceitemos indivíduos que, por uma ou outra razão, sejam incapazes disso. Não devemos mais enganar-nos; e para tornar novos erros, na escolha dos homens, muito difíceis, muito raros, ou até mesmo para sempre impossíveis, devemos todos adotar essa lei da eleição por unanimidade. É evidente que o método torna o recrutamento muito difícil e [o crescimento da Y. (Aliança) muito lento]; mas ela assegura a solidez, a segurança, o caráter sério, isto é, as três condições sem as quais a Y. [Aliança] seria apenas um muito mau e muito perigoso gracejo. Por sinal, como só queremos uma revolução popular, uma revolução não só para o povo, mas exclusivamente pelo povo, nosso exército é o povo, e só precisamos organizar um estado-maior que possa ajudá-lo a organizar-se. Não buscaremos, portanto,

o grande número, mas a boa qualidade dos irmãos dos irmãos e a solidez e a sinceridade de sua aliança fraternal.

• • •

Ajudando-vos a deitar os primeiros alicerces tanto da A. [Associação Internacional dos Trabalhadores] como da Y. [Aliança] em 7896 [na Espanha ou em Barcelona], Christophe [G. Fanelli] cometeu um erro de organização do qual sentis agora os efeitos. Ele confundiu a Internacional com a Aliança e, por isso mesmo, provocou os amigos 3521 [espanhóis ou madrilenos] a fundar a Internacional com o programa da Aliança. De início, isso pôde parecer um grande triunfo; na realidade, isso só se torna uma causa de confusão e desorganização para uma, bem como para a outra. A Internacional e a Aliança não são absolutamente inimigas como a [igreja] completamente marxiana de Londres gostaria que todo mundo acreditasse. Ao contrário, a Aliança é o complemento necessário da Internacional, complemento sem o qual toda a Internacional, transformada ela própria em uma espécie de Estado internacional, monstruoso, com um governo muito autoritário, com a ditadura de Marx, ver-se-ia transformada, como o bando marxiano tende a isso hoje, em um instrumento complacente para a realização de projetos ambiciosos e, por consequência, muito contrários à emancipação real das massas populares. Mas a Internacional e a Aliança, embora tendendo ao mesmo objetivo final, perseguem ao mesmo tempo objetos diferentes. Uma tem por missão reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através de todos os diferentes ofícios e países, através das fronteiras de todos os Estados, em um único corpo imenso e compacto;

a outra, a Aliança, tem por missão dar a essas massas uma direção realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem ser de modo algum opostos, são diferentes pelo próprio grau de seu respectivo desenvolvimento. Aquele da Internacional, se o levarmos a sério, contém em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última daquele da Internacional.

Se os fundadores da Internacional houvessem dado a essa grande Associação uma doutrina política, socialista, filosófica, determinada e positiva, eles teriam cometido um grande erro; teriam fundado uma pequeníssima associação, uma seita, não o campo entrincheirado do proletariado do mundo inteiro contra as classes dominantes e exploradoras. Qual é a ideia socialista, política e filosófica que hoje seria capaz de reunir sob sua bandeira milhões de proletários de todos os países? Com uma doutrina positiva conseguir-se-ia reunir no máximo alguns milhares, se tanto. [Giuseppe] Mazzini havia dito: “os interesses dividem, as ideias unem”. Que os interesses dividem os burgueses entre eles é perfeitamente verdadeiro. Mas não é absolutamente verdadeiro que as ideias os unem muito. Quanto ao proletariado, é, ao contrário, os interesses, ou melhor, o único grande interesse do pão e da emancipação, interesse idêntico em todos os países e em todos os graus de civilização e desenvolvimento intelectual e moral, o único capaz de uni-lo em uma massa compacta. Quanto às ideias, como ideias, isto é, como desenvolvimentos teóricos, reconheçamo-lo, meu caro, excetuando esses raríssimos momentos da história em que as massas enlevadas pela ebulição das paixões revolucionárias elevam-se até elas, em sua vida de cada dia, sob o peso das privações, do trabalho forçado

e de suas preocupações cotidianas que as esmagam, as massas, digo, são ali absolutamente indiferentes, se não forem hostis. Não devemos censurá-las por isso: elas são mantidas em uma ignorância crassa, sistematicamente cultivada por todos os governos em proveito das classes privilegiadas — elas são esmagadas por um trabalho embrutecedor e pela fome — e penso que essa indiferença profunda que elas mostram hoje pelas ideias tanto políticas quanto filosóficas e sua exclusiva preocupação com aquilo que os idealistas burgueses, com seu ventre sempre cheio e seu caro corpo agradavelmente bem cuidado, chamam de “*vis intereses materiais*” — penso que essa indiferença e essa preocupação hoje dominantes nas massas, longe de poder ser censuradas nelas, devem ser consideradas, ao contrário, como uma prova de seu instinto justo e de seu grande bom senso natural, pois, com efeito, a *emancipação material ou econômica* é a grande base, a base única e primeira de todas as outras emancipações.

O grande mérito dos fundadores da Internacional e do Congresso de Genebra (setembro de 1868) foi tê-lo compreendido e dele ter feito a base de todo o programa de nossa grande Associação. Se se tivesse colocado nesse programa o ateísmo, o materialismo, ter-se-ia decerto excluído da Internacional milhões de trabalhadores muito sérios, isto é, esmagadíssimos, muito miseráveis. Não é que o povo seja realmente religioso; constato, ao contrário, com felicidade, que ele torna-se a cada dia menos religioso em todos os países; o que ele denomina ou crê ser sua religião, é, de um lado, o produto de uma tradição maquinal, rotineira, um mau hábito de seu espírito coletivo; e mais, ainda, é uma protestação instintiva, enérgica, completamente prática contra as estreitezas e

as misérias de sua existência atual. Basta que a revolução social abra-lhe um vasto horizonte sobre a terra para que ele não pense mais no céu. As massas não são, pois, realmente religiosas, mas imaginam sê-lo, e o ateísmo explicitamente formulado apavora sua imaginação. O mesmo ocorre com as ideias políticas e socialistas reacionárias que ainda dominam na imaginação popular. O proletariado instintivamente detesta a autoridade do Estado; ele a detesta em todas as suas manifestações possíveis. Mas atacam a Igreja e o Estado e ele não vos compreenderá, e, amiúde, revoltar-se-á contra vós; por rotina ele aferra-se a ideias que são contrárias a seus próprios instintos. O povo tem frequentemente o hábito da autoridade, seja da Igreja, seja do Estado, autoridade da qual ele é sempre a vítima, mas que a ama do mesmo modo que em muitos casais a mulher ama os socos prodigalizados por seu esposo — é um hábito de escravo e, infelizmente, as massas ainda conservam muitos vestígios desse hábito detestável. Para curá-lo só há um meio: a revolução social, a verdadeira sublevação das massas. É só nesse momento que as massas compreenderão todas as ideias cujos germes incubam em seus instintos, é só então que elas abraçarão com paixão, como a expressão fiel de suas próprias aspirações, todo o programa da Aliança. Mas impõe o programa da Aliança à Internacional e a Internacional não contará mais em seu seio, em toda a Europa, senão dois ou três mil membros. Serão, é verdade, membros preciosos, os mais desenvolvidos, os mais enérgicos e os mais sinceros revolucionários-socialistas da Europa. Mas o que são três mil homens em presença da força coligada das classes ricas e do Estado, de todos os Estados? Uma absoluta impotência. Essa formidável coalizão da reação e da exploração só pode ser rompida

pela força organizada das massas, de todos os milhões de proletários, e, certamente, esses milhões não aceitarão hoje o programa socialista e filosófico da Aliança.

Eles também não aceitarão o programa marxiano que, além de seu caráter científico e abstrato, ainda oferece esse terrível inconveniente de tender à fundação de novos *Estados populares*, isto é, novas prisões e novos tutores para o povo, tanto mais opressivos porque eles oprimirão em nome da vontade soberana do povo.

Esse programa de *Comunismo autoritário*, essa ideia da emancipação das massas e da organização da justiça e da igualdade pelo Estado, parece ser, no entanto, mais ou menos aceito hoje pelos ingleses, pelos americanos, sobretudo pelos alemães dos quais ela acaricia muito as aspirações pangermânicas. Em contrapartida, ela é energicamente rejeitada pelo instinto revolucionário dos povos latinos: franceses, belgas, espanhóis, italianos, assim como por todos os povos eslavos que parecem ter encontrado no acontecimento revolucionário da Comuna de Paris sua bandeira comum... Como fazer então? Deve-se estabelecer duas Internacionais? Uma germânica, outra latino-eslava? Seria uma grande infelicidade — e um triunfo seguro para os burgueses de todas as raças e de todos os países. Seria a desorganização do proletariado, a introdução da guerra civil em seu seio, completamente em proveito da burguesia. Há uma possibilidade de conciliar o programa marxiano com o nosso? Não, pois eles excluem-se. Essa conciliação é portanto impossível. Deve-se, enfim, pelo amor à paz e para salvar a unidade da Internacional, sacrificar um desses programas ao outro? E como são os alemães que tendem à dominação, não os latinos nem os eslavos, deve-se sofrer o jugo das ideias germânicas, um jugo

que não poderia ter outro resultado senão a decadência e a subjugação das raças latina e eslava, ou, então, uma guerra de raça terrível? Basta apresentar essa questão para que ela seja resolvida por nós todos em um sentido completamente negativo.

Portanto, nem conciliação, porque ela é impossível, nem submissão, porque ela é revoltante e mortal, nem divisão, porque é preciso salvar a unidade da Internacional, condição suprema do triunfo do proletariado em uma luta contra a burguesia. O que fazer, então? É preciso buscar essa unidade lá onde ela se encontra, e não lá onde não pode ser encontrada. Deve-se buscá-la não em teorias políticas ou filosóficas, mas nas aspirações solidárias do proletariado de todos os países à Emancipação material ou econômica. *No terreno da luta econômica, prática cotidiana do trabalho explorado pelo capital.*

Nunca cessarei de repeti-lo. Eis o objetivo, o único objetivo da organização, e o programa único da Internacional. Esse programa é completamente positivo, de tal modo positivo e simples que não há proletário algum, por pouco desenvolvido e imbuído de preconceitos religiosos e políticos que ele seja, que não possa, que não deva compreendê-lo e abraçá-lo com a maior paixão. Todo proletário, a menos que seja um desses operários-burgueses que, com ou sem razão, esperam poder elevar-se acima da massa, seja por seu trabalho, seja por sua política, para tornar-se, por sua vez, dominador e explorador; todo trabalhador sério deve amaldiçoar as condições de sua existência e aspirar à sua emancipação. Ele deve detestar seus exploradores e seus opressores. Se ele não manifesta essa aspiração e esse ódio, é porque se crê impotente para realizar uma e satisfazer a outra. Mostrai-lhe que, solidarizando-se com

todos os seus companheiros de escravidão e miséria, ele pode dar-se, organizar uma força, e ele lançar-se-á com paixão nessa luta econômica que a Internacional tem precisamente por missão única organizar. E com efeito, segundo os nossos estatutos gerais, ela não pergunta a ninguém qual é sua religião e sua política, pergunta a cada um só uma única coisa: quer engajar-se a observar em todas as suas consequências a solidariedade da luta econômica dos trabalhadores contra seus exploradores? Se diz sim, torna-se de fato membro da Internacional, que, repito-o, não tem outra missão senão organizar essa luta, federalizando-a e solidarizando-a, através das diferenças de ofícios e das fronteiras dos Estados, as caixas de resistência e as greves.

Tal é o lado sério, positivo, o único verdadeiramente obrigatório da Internacional; todo o resto, todas essas questões de organização social e política do futuro discutidas em nossos congressos, tais como a instrução integral, a abolição dos Estados ou a emancipação do proletariado pelo Estado, a emancipação da mulher, a propriedade coletiva, a abolição do direito de herança, o ateísmo, o materialismo ou o deísmo — tudo isso constitui sem dúvida questões muito interessantes e sua discussão é muito útil ao desenvolvimento intelectual e moral do proletariado. Todavia, nenhum congresso tem a possibilidade ou o poder de resolvê-las de uma maneira absoluta, nem impor suas resoluções como artigos de um programa obrigatório seja às seções, seja individualmente a seus membros; eles não podem fazê-lo, eles não o desejam, porque, ao fazê-lo, proclamariam verdades absolutas, um *nonsense*, e eles imporiam pelo voto artificial de uma maioria factícia e necessariamente variável, uma verdade-oficial, uma monstruosidade. A

organização da luta internacional, econômica, prática, cotidiana do trabalho contra o capital, eis o único objetivo explícito, a única lei obrigatória, suprema da Internacional. Quem não quer absolutamente se submeter a todas as consequências práticas da solidariedade nessa luta deve sair ou ser expulso da Internacional. Mas quem as aceita e observa-as, é por direito seu membro. Essa solidariedade é completamente independente das diferentes correntes políticas e filosóficas seguidas pelas massas operárias nos diferentes países. Se os operários da Alemanha, por exemplo, fazem greve, se eles revoltam-se contra os burgueses-exploradores, não perguntareis a eles se creem em Deus ou se não creem, se são a favor do Estado ou contra o Estado. Vós os apoiareis na medida de vossas forças porque são trabalhadores sublevados contra os exploradores deles. Que os operários alemães façam a mesma coisa por vós, sem vos perguntar antes vosso credo político ou religioso, e a unidade da Internacional estará fundada, pois ela é fundada unicamente sobre a solidariedade econômica, nem política nem filosófica dos trabalhadores de todos os países.

Àqueles que me observarão que eu apequeno o caráter da Internacional, limitando seu programa obrigatório e seu objetivo à organização dessa luta exclusivamente econômica, responderei que, tentando nela introduzir uma diretriz política, socialista ou filosófica uniforme e obrigatória para todos, destroem-na, matam-na. Pois eu desafio-vos a formular uma doutrina explícita qualquer que possa reunir sob sua bandeira milhões, o que digo, apenas algumas dezenas de milhares de trabalhadores. E a menos de impor as crenças de uma seita a todas as outras, chegar-se-á à criação de uma multidão de seitas, quer dizer, à organização de uma verdadeira anarquia

no seio do proletariado para o maior triunfo das classes exploradoras...

E credes que é pouca coisa solidarizar as massas na luta econômica? Essa solidariedade já produz agora resultados imensos. Em primeiro lugar, ela escava um abismo entre a burguesia e o proletariado, e, por isso mesmo, ela empurra o proletariado à revolução. Em segundo, ela dá ao proletariado, pela prática da ação e da luta coletiva o sentimento, o pensamento e a força, uma educação e uma instrução socialista, não vertidos sobre ele em pequenas doses do alto, mas se desenvolvendo espontaneamente, amplamente, no próprio seio das massas, iluminadas pela paixão e pelo pensamento coletivos... ela desenvolve nela, por uma prática cotidiana, o pensamento da justiça, da igualdade e da grande liberdade popular, incompatível com a autoridade de alguns tutores e doutores que seja. Eis o que faz nossa grande Associação — ela prepara o terreno para a revolução internacional e social.

Nesse terreno tão amplo, todas as ideias, todas as doutrinas devem ter a plena liberdade de produzir-se — tanto as teorias autoritárias de Marx como nossas teorias anárquicas, desde que nenhuma tenha a louca e odiosa pretensão de impor-se como uma *verdade oficial*, ou cometa o mínimo atentado a essa solidariedade prática do proletariado dos diferentes países na luta econômica. Eis o que nós, homens da Aliança, sempre reclamamos e o que reclamamos ainda hoje, contra as pretensões autoritárias, oficiais, ditatoriais do Conselho geral de Londres cada vez mais dominado pelo bando marxiano.

Nesse terreno da Internacional, com nosso programa revolucionário explícito, organizamos a revolução. Não impomos nosso programa a ninguém, mas o propagamos livremente, certos de que ele é o único que pode realizar

a completa emancipação, tanto econômica como política e social do proletariado. Além disso, como sabemos que a organização da força popular não pode fazer-se só pela propaganda teórica, que ela reclama a organização e a aliança dos caracteres e das vontades revolucionários, constituídas em uma espécie de estado-maior revolucionário, nós formamos no próprio seio da Internacional nossa aliança secreta. A Conferência de Londres, preparada e dirigida por Marx fulminou um anátema contra as sociedades secretas. É um anátema hipócrita. Os marxianos sabem tão bem quanto nós que a Internacional pública, a Internacional propriamente dita é sem dúvida excelente para agitar, para revolucionar as massas, mas que sozinha ela é incapaz de organizar a força popular — esta última instância em todas as lutas sociais — e que para isso é preciso uma organização secreta. Mas como eles seguem princípios e perseguem um objetivo diretamente opostos aos nossos, eles querem na Internacional uma sociedade secreta completamente oposta à nossa e cuja direção permanece unicamente em suas mãos. Essa sociedade existe desde 1847 e sobretudo desde 1848. É aquela dos *Comunistas alemães* fundada por Marx e por Engels e que nunca cessou de exercer sua propaganda oculta na Internacional. As resoluções da Conferência de Londres não tiveram outro objetivo senão lhe conceder, por meio dos comitês hierarquicamente organizados, todo o governo da Internacional.

* As palavras entre colchetes correspondem às decifrações (baseadas em Nettlau) e às edições daqueles que selecionaram este material.

**Mikhail
Bakunin**

IRMÃOS DA ALIANÇA NA ESPANHA (12-13 DE JUNHO DE 1872)



Aos Irmãos da Aliança na Espanha.
Irmãos,

Sou um antigo e íntimo amigo, posso dizer o irmão de Christophe [G. Fanelli], o amigo e o irmão do qual, certamente, muitos de vós não perderam a lembrança. Com ele eu fui um dos primeiros fundadores da Aliança. E é a esse duplo título que eu me dirijo a vós, Irmãos da Aliança.

Infelizes dissensões produzidas por lutas de amor-próprio entre irmãos que parecem ter sacrificado nosso grande objetivo, o triunfo da revolução universal e social àquele de suas vaidades e de suas ambições pessoais,

tiveram por último resultado a dissolução da Aliança madrilena.

Eu não me coloco como juiz de ninguém, mas em nome de nossos princípios bem como daquele de todos os nossos irmãos, devo dizer que aqueles que contribuíram para essa dissolução, aqueles que sopraram o segredo da Aliança, segredo que nós todos prometemos por nossa honra conservar, são culpados...

Trair a Aliança é trair a revolução, pois a Aliança não tem outro fim senão servir a revolução. Não formamos uma instituição teórica ou exclusivamente econômica. A Aliança não é nem uma academia, nem uma oficina; é uma associação essencialmente militante, tendo por objeto a organização da força das massas populares com vistas à destruição de todos os Estados e de todas as instituições religiosas, políticas, judiciárias, econômicas e sociais atualmente existentes, com vistas à absoluta emancipação dos trabalhadores subjugados e explorados do mundo inteiro. O objetivo de nossa organização é impulsionar as massas a fazer tábua rasa a fim de que as populações agrícolas e industriais possam reorganizar-se e federalizar-se segundo os princípios da justiça, igualdade, da liberdade e da solidariedade, de baixo para cima, espontaneamente, livremente, fora de toda tutela oficial, seja reacionária, seja, inclusive pretensamente revolucionária.

Àqueles que nos perguntarem para que serve a boa existência da Aliança quando existe a Internacional, responderemos: a Internacional, é verdade, é uma magnífica instituição, ela é incontestavelmente a mais bela, a útil, a mais benfazeja criação do século atual. Ela criou a base da solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro. Deu-lhes um começo de organização através das fronteiras de todos os Estados e fora do mundo dos

exploradores e dos privilegiados. Fez mais; ela já contém hoje os primeiros germes da organização da unidade futura, e, ao mesmo tempo, deu ao proletariado do mundo inteiro o sentimento de sua própria força. É verdade, eis os imensos serviços que ela prestou à grande causa da revolução universal e social. Mas ela não é absolutamente uma instituição suficiente para organizar e para dirigir essa revolução.

Todos os revolucionários sérios que tomaram parte ativa nos trabalhos da Internacional em qualquer país que seja, desde 1864, ano de sua fundação, convenceram-se disso. A Internacional prepara os elementos da organização revolucionária, mas não a realiza. Prepara-os organizando a luta pública e legal dos trabalhadores solidarizados de todos os países contra os exploradores do trabalho, capitalistas, proprietários e empreendedores de indústria, mas nunca vai além daí. A única coisa que ela faz fora dessa obra já tão útil é a propaganda teórica das ideias socialistas nas massas operárias, obra igualmente muito útil, muito necessária à preparação da revolução das massas, mas ainda está longe da organização revolucionária das massas.

A Internacional, em resumo, é um imenso meio favorável e necessário a essa organização, mas ela ainda não é essa organização. A Internacional aceita em seu seio, fazendo absolutamente abstração de todas as diferenças de crenças políticas e religiosas, todos os trabalhadores honestos, sob a única condição de que eles aceitem em todas as suas consequências a solidariedade da luta dos trabalhadores contra o capital burguês, explorador do trabalho. Essa é uma condição positiva, suficiente para separar o mundo dos trabalhadores do mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro uma

direção revolucionária. Seu programa é tão amplo que os monarquistas e os próprios católicos podem nela ingressar. E essa largueza de programa é absolutamente necessária para que a Internacional possa abarcar centenas de milhares de operários, e é só contando centenas de milhares de membros que ela torna-se uma verdadeira força. Se a Internacional houvesse-se dado um programa mais explícito e mais determinado sob o aspecto das questões políticas, religiosas e sociais, se ela reconhecesse uma doutrina obrigatória e, por assim dizer, oficial, se, por exemplo, ela tivesse feito da aceitação dos princípios do ateísmo em religião, ou do comunismo em política uma condição de ingresso de cada um em seu seio, ela teria contado apenas alguns milhares de membros, e teria excluído milhões de trabalhadores da indústria e da terra, que por toda a sua posição tanto quanto por seus instintos, são revolucionários, ateus, socialistas, mas que ainda não perderam o mau hábito dos pensamentos reacionários. Ela só teria formado, então, um partido assaz medíocre, e que, em toda a Europa, contaria apenas alguns milhares de membros. E esse partido cindir-se-ia necessariamente em muitas seitas diferentes. Pois, a partir do momento que há teoria oficial, haverá infalivelmente teorias diferentes e contrárias. Haveria socialistas burgueses, socialistas pacíficos, cooperativistas, socialistas autoritários, esperando sua emancipação da reforma do Estado e socialistas revolucionários esperando-a só da destruição do Estado.

Todas essas teorias, com muitas outras nuances ainda, já existem hoje na Internacional; mas enquanto nenhuma delas for proclamada como a teoria oficial, essas diferenças de doutrina e as lutas pacíficas que se seguem no próprio seio da Internacional, longe de ser um mal,

são, segundo minha opinião, um grande bem, pois elas contribuem para desenvolver o pensamento e o trabalho espontâneo da inteligência de cada um; elas não podem predicar a solidariedade, que deve unir os trabalhadores de todos os países porque essa solidariedade não é absolutamente de natureza teórica, ela é completamente prática. É, repito-o uma vez mais, a solidariedade da luta econômica do trabalho contra o capital, com todas as consequências práticas que ela traz. Os operários da Federação Jurassiana, por exemplo, que têm horror por toda organização autoritária, e que adotaram por programa a abolição do Estado, estão profundamente separados, segundo esse ponto de vista, dos operários da Alemanha, que aceitam em grande maioria, ao que parece as teorias autoritárias de Marx; e, contudo, se eclodir uma greve na Alemanha, os trabalhadores do Jura serão os primeiros a apoiá-la com todos os seus meios. Não tenho certeza, mas espero que os operários da Alemanha façam a mesma coisa. Eis, portanto, a verdadeira, a única solidariedade que a Internacional cria. Ela é inteiramente prática, e ela persiste, mantém-se poderosa malgrado todas as dissidências teóricas que podem elevar-se em diferentes grupos de operários.

Ela só pode manter-se, contudo, sob a única condição de que nenhuma teoria, seja política, seja socialista, seja filosófica, jamais possa tornar-se a teoria oficial, obrigatória da Internacional. Inicialmente, cada teoria oficial é um bom senso. Para ter a coragem e o pretexto para impor-se, ela deve proclamar-se absoluta, e o tempo do absoluto passou, ao menos no campo da revolução — o absoluto para os homens da liberdade e da humanidade, é o absurdo. Em seguida, como jamais houve exemplo na história e como será para sempre impossível que uma

determinada teoria seja realmente o produto do pensamento individual de todo mundo; como todas as teorias, como teorias explícitas e acabadas, foram e serão sempre elaboradas por um pequeno número de indivíduos, a teoria assim dita absoluta jamais representará, na realidade, senão o despotismo exercido pelo pensamento de alguns sobre o pensamento de todos — despotismo teórico que jamais deixará de formar-se em despotismo e em exploração práticos.

É precisamente o que vemos produzir-se hoje no próprio seio da Internacional. A camarilha marxiana, onipotente no Conselho geral, aproveitando-se da desordem momentânea dos socialistas revolucionários da França, que lhe haviam feito oposição até aqui, mas que hoje, assassinados, dizimados, deportados, exilados, ou então forçados ao silêncio, não podem fazer ouvir sua voz, tende evidentemente a impor a doutrina política e socialista de Marx, aquela da emancipação das classes operárias pelo poder do grande Estado centralizado, como a doutrina oficial da Internacional. Paralelamente a esse objetivo, e como sua consequência necessária, ela persegue um outro, aquele de transformar o Conselho geral, sempre dirigido por Marx em pessoa, como o governo, o diretor oficial, como o ditador da Internacional. E ele trabalha, ela intriga imensamente hoje, disseminando as calúnias a mancheias, para preparar um congresso que, depois de ter proclamado a doutrina e a ditadura naturalmente mascarada de Marx como obrigatórias para todas as seções da Internacional, declarará heréticas todas aquelas que não quiserem aceitar essa doutrina, e traidores todos aqueles que não quiserem baixar suas cabeças sob essa ditadura.

Tal é o efeito fatal das doutrinas oficiais.

A Internacional, a menos de trair sua missão, não deve aceitar nenhuma. Mas, então, o que acontecerá? Acontecerá o seguinte: esclarecidas cada vez mais pela luta e pela livre propaganda das ideias diferentes, dirigidas por seu próprio instinto e cada vez mais elevadas à consciência revolucionária pela própria prática e pelas consequências inevitáveis da solidariedade universal da luta do trabalho contra o capital, as massas elaboraram lentamente, é verdade, mas de uma maneira infalível, seus próprios pensamentos, teorias que surgirão de baixo para cima, mas que não serão mais impostas de cima para baixo.

Eu disse que esse trabalho far-se-á e faz-se lentamente. Nem tão lentamente, contudo, como se poderia crê-lo. Aqueles que tiveram alguma prática no desenvolvimento da Internacional, sabem que progressos maravilhosos a consciência operária fez durante um pequeníssimo número de anos, graças à liberdade absoluta que reinou até aqui no seio da Internacional, liberdade na propaganda bem como na organização...

Creio que esses progressos são imensos. Entretanto, reconheço que eles são insuficientes para dar à força elementar das massas uma organização revolucionária; e enquanto as massas não tiverem essa organização, fossem elas ainda mais esmagadoras sob o aspecto do número, em comparação com aquele das classes privilegiadas, elas serão sempre esmagadas por estas últimas.

Reconheço com alegria que as classes privilegiadas em todos os países perderam muito de sua força passada. Elas perderam absolutamente sua força moral; elas já não têm fé em seu direito, sabem que são iníquas, odiosas, desprezam a si mesmas. É muito. Tendo perdido sua força moral, elas perdem ostensiva e necessariamente

também a força inteligente. Elas são bem mais dotas que o proletariado, mas isso não as impede de tornar-se cada vez mais estúpidas. Perderam toda coragem intelectual e moral. Já não ousam olhar para a frente e só olham para trás. Tudo isso as condena infalivelmente à morte. O proletariado, que com elas ainda vivas herdou de sua precedente força intelectual e moral, prepara-se para forçá-las hoje em suas últimas trincheiras políticas e econômicas.

Tudo isso é verdadeiro. Mas não nos devemos fazer ilusões, as trincheiras ainda são muito fortes: chamam-se Estado, Igreja, Bolsa, polícia, exército, depois, essa grande conspiração internacional e pública, legal, declarada, que se chama diplomacia.

Tudo isso é sabiamente organizado e poderoso pela organização. E diante dessa organização formidável, o proletariado, mesmo unido, agrupado e solidarizado na e pela Internacional, permanece desorganizado. “O que faz seu número?” O povo, seja mesmo um milhão, vários milhões, será derrotado por algumas dezenas de milhares de soldados, mantidos e disciplinados às suas custas, contra ele, pelo dinheiro burguês produzido pelo próprio trabalho do povo.

Considerai a seção da Internacional, a mais numerosa, a mais avançada e a mais bem organizada. Ela é favorável ao combate? Sabeis muito bem que não. Em mil trabalhadores, é muito se reunis uma ou no máximo duas centenas no dia do combate. É que, para organizar uma força, não basta unir os interesses, os sentimentos, o pensamento... É preciso unir as vontades e os caracteres. Nossos inimigos organizam suas forças pelo poder do dinheiro e pela autoridade do Estado. Nós não podemos organizar as nossas pela convicção, pela paixão.

Não podemos e não queremos ter outro exército senão o povo, a massa. Mas para que essa massa erga-se simultaneamente inteira, — e só nessa condição que ela pode vencer — como fazer? Sobretudo, como fazer para que as massas, mesmo eletrizadas, sublevadas, não se contradigam e não se paralistem em absoluto por seus movimentos opostos?

Só há um meio: assegurar-se do concurso de todos os líderes populares. Chamo de líderes populares indivíduos na maior parte do tempo emanados do povo, vivendo com ele, sua vida, e que, graças à sua superioridade intelectual e moral, exercem sobre ele uma grande influência. Há muitos entre eles que abusam dessa influência e utilizam-na para seus interesses pessoais. São homens muito perigosos, e que é preciso evitar como a peste, combater e aniquilar quando for possível. É preciso buscar os bons líderes, aqueles que não buscam seu próprio interesse senão no interesse de todos. Mas como encontrá-los e reconhecê-los, e qual é o indivíduo assaz inteligente, assaz perspicaz, e assaz poderoso para não se enganar absolutamente, de início em suas escolhas, e, em seguida, para convencê-los e organizá-los sozinho?

É evidente que não pode ser o trabalho de um único homem; que só muitos homens associados podem empreender e conduzir a bom termo uma empresa tão difícil. Todavia, para isso, é necessário antes que eles entendam-se entre si e que se deem as mãos para essa obra comum. Mas essa obra tendo um objetivo prático, revolucionário, o entendimento mútuo, que é sua condição necessária, não pode fazer-se publicamente; se ele fizesse-se em público, atrairia contra os iniciadores as perseguições de todo o mundo oficial e oficioso, e

eles ver-se-iam esmagados antes de ter podido fazer a mínima coisa.

Portanto, esse entendimento e essa associação que deve emanar deste último, não podem ser feitos senão em segredo, isto é, é necessário estabelecer uma conspiração, uma sociedade secreta sistemática.

Tais são, também, o pensamento e o objetivo da Aliança. É uma sociedade secreta formada no próprio seio da Internacional, para dar a esta última uma organização revolucionária, para transformá-la, e todas as massas populares que se encontram fora dela, em uma força suficientemente organizada para aniquilar a reação político-clerical-burguesa, para destruir todas as instituições econômicas, jurídicas, religiosas e políticas dos Estados.

A última Conferência de Londres pronunciou o anátema contra toda sociedade secreta que desejaríamos formar no seio da Internacional. É um golpe evidentemente desferido contra nós. Mas o que a camarilha marxiana, que dirigiu essa Conferência, assim como dirige atualmente o Conselho geral, o que ela evitou dizer à maioria dos membros dessa Conferência, e que só disse a seus muito íntimos ou a seus acólitos, é que ela buscou formular essa condenação contra nós só para liberar o terreno para sua própria conspiração, a sociedade secreta que, sob a direção de Marx, existe desde 1848, fundada por Marx, Engels, um finado Wolff, e que nada mais é do que a sociedade quase exclusivamente germânica dos Comunistas autoritários.

O que digo aqui não é em absoluto uma suposição, mas um fato conhecido por muitas pessoas e que muitas vezes, em diferentes processos políticos, transpirou publicamente na Alemanha. Assim, deixando de lado

a parte odiosa das personalidades que foi levada até à mais ignominiosa sujidade, por nossos vingativos e demasiado perseverantes adversários, devemos reconhecer que a luta intestina que acaba de eclodir no seio da Internacional, não é outra senão aquela de duas sociedades secretas tão opostas por seus princípios quanto pelo sistema de sua organização, e das quais uma, aquela dos Comunistas autoritários, como acabo de dizê-lo, desde 1848, a outra, aquela da Aliança dos socialistas revolucionários, teve sua origem em 1864, é verdade, mas só começou a estabelecer-se na Internacional em 1868.

Começamos inicialmente por fazer justiça aos nossos adversários lá onde merecem essa justiça. Marx não é um homem comum. É uma inteligência superior, um homem de uma ciência muito vasta, sobretudo nas questões econômicas, e, além disso, um homem que, a meu conhecimento, desde 1845, época de meu primeiro encontro com ele em Paris, sempre foi sinceramente, inteiramente devotado à causa da emancipação do proletariado, causa à qual ele prestou incontestáveis serviços, que ele nunca traiu voluntariamente, mas que compromete imensamente hoje por sua vaidade formidável, por seu caráter odioso, malevolente, e por suas tendências à ditadura no próprio seio do partido dos revolucionários socialistas. Sua vaidade, com efeito, não tem limites [...]; e é lamentável, é um luxo inútil, pois compreendemos a vaidade em um ser nulo, que, não sendo nada, quer parecer tudo. Marx tem qualidades e uma força de pensamento e ação muito positiva, muito grandes e que teriam podido poupar-lhe, segundo me parece, a pena de ter recorrido aos miseráveis meios da vaidade. Essa vaidade, naturalmente já muito forte, foi consideravelmente aumentada pela adulação de seus amigos e discípulos.

Muito personalista, muito invejoso, muito suscetível e muito vingativo, como Jeová, o Deus de seu povo, Marx não suporta que se reconheça um outro Deus senão ele próprio; o que digo, não suporta nem mesmo que se faça justiça a um outro escritor ou militante socialista, em sua presença. Proudhon, que nunca foi um Deus, mas que, evidentemente, foi um grande pensador revolucionário e que prestou imenso serviços ao desenvolvimento das ideias socialistas, tornou-se, por essa mesma razão, a besta do apocalipse para Marx. Elogiar Proudhon em sua presença era fazer-lhe uma ofensa mortal, digna de todas as consequências naturais de sua inimizade — e essas consequências são: primeiro o ódio, depois a mais sujas calúnias. Marx nunca recuou ante a mentira, por mais odiosa, por mais pérfida que seja, quando pensava poder servir-se dela sem demasiado grande perigo para ele próprio contra aqueles que têm a infelicidade de merecer sua cólera. Eu disse que Marx é excessivamente personalista. Eis uma prova disso: ele crê ainda na propriedade individual das ideias. Após a morte de Lassalle, famoso agitador e fundador do Partido da Democracia Socialista na Alemanha, em grande parte discípulo de Marx, comunista autoritário como ele, e que, como ele, havia pregado a emancipação das massa operárias pelo Estado, — após a sua morte, eu dizia, Marx publicou o primeiro, e até ao presente o único volume de sua grande obra sobre *O Capital*. No prefácio, ele acusa amargamente Lassalle de ter-lhe roubado ideias e, inclusive, a forma das ideias; censura soberanamente injusta, a começar pelo fato de que Lassalle, num de seus escritos, dirigido contra Schultz-Delitsch, após ter desenvolvido certas ideias, acrescentou: “Essas ideias e as expressões que acabo de utilizar, não foram propriamente inventadas

por mim; eu as tomei emprestado de uma magnífica obra ainda inédita de Marx”. Essa declaração não foi suficiente para Marx. Eis, portanto, Marx apanhado em flagrante delito de “proprietarismo”, e isso na esfera das ideias, que é certamente a menos apropriada à apropriação pessoal. Esses amigos conhecem tão bem essa mania de seu mestre que, por exemplo, Engels, um homem também muito inteligente, o mais íntimo e o mais antigo amigo de Marx, tendo publicado um trabalho assaz extraordinário sobre a sublevação dos camponeses alemães no século XVI, teve todo o cuidado de dizer na introdução que as ideias principais que serviram de base a esse trabalho não são dele, mas de Marx.

Reconheçamos, agora, que Marx é um pensador economista muito sério, muito profundo. Ele tem essa imensa vantagem sobre Proudhon de ser um realista, um materialista. Proudhon, malgrado todos os esforços que fez para acudir as tradições do idealismo clássico, não deixou de ser por toda a sua vida um idealista incorrigível, inspirando-se, como eu lhe disse dois meses antes de sua morte, ora na Bíblia, ora no direito romano, e sempre metafísico, até à extremidade de suas unhas. Sua grande infelicidade foi nunca ter estudado as ciências naturais, e não se ter apropriado de seus métodos. Ele teve instintos de gênio que lhe fizeram entrever a via justa, todavia, levado pelos maus ou idealistas hábitos de seu espírito, recaía sempre nos antigos erros; isso fez com que Proudhon fosse uma perpétua contradição — um gênio vigoroso, um pensador debatendo-se sempre contra os fantasmas do idealismo e nunca conseguindo vencê-las.

Marx, como pensador, está na boa via. Estabeleceu como princípio que todas as evoluções religiosas, políticas e jurídicas na história são não as causas, mas os

efeitos das evoluções econômicas. É um grande e fecundo pensamento que ele não inventou absolutamente; esse pensamento foi entrevisto, exprimido em parte por vários outros antes dele. Mas, enfim, a ele pertence a honra de tê-lo estabelecido solidamente e tê-lo assentado como base de todo seu sistema econômico. Por outro lado, Proudhon havia compreendido a liberdade muito melhor do que Marx. Proudhon, quando não fazia doutrina e metafísica, tinha o verdadeiro instinto do revolucionário — adorava Satã e proclamava a anarquia. É muito possível que Marx possa elevar-se teoricamente a um sistema ainda mais racional da liberdade que Proudhon, mas lhe falta o instinto de Proudhon. [...] Ele é da cabeça aos pés um autoritário.

Daí os dois sistemas opostos: o sistema anárquico de Proudhon, por nós ampliado, desenvolvido e liberado de toda sua roupagem metafísica, idealista, doutrinária, e aceitando claramente a matéria na ciência, e a economia social na história como base de todos os desenvolvimentos ulteriores. E o sistema de Marx, chefe da Escola alemã dos comunistas autoritários.

Eis as bases desse sistema. Assim como nós, os comunistas autoritários querem a abolição da propriedade individual. Mas eles diferem de nós principalmente porque querem a expropriação de todos os indivíduos pelo Estado, enquanto nós o queremos pela abolição do Estado e do direito jurídico garantido necessariamente pelo Estado. Eis por que, no Congresso de Basileia, proclamamos a abolição do direito de herança, enquanto eles opuseram-se a isso, dizendo que essa abolição tornava-se inútil a partir do momento que o Estado tornava-se o único proprietário. O Estado, dizem eles, deve ser o único proprietário da terra, e ao mesmo tempo o único banqueiro. O banco do

Estado substituindo os bancos feudais hoje existentes deve sozinho comanditar o trabalho nacional; de sorte que, de fato, todos os operários, tanto da indústria quanto da terra, tornar-se-ão assalariados do Estado. Os comunistas ingleses dessa mesma escola declararam no Congresso de Basileia que a terra deverá ser cultivada sob a direção de engenheiros do Estado.

Nós rejeitamos esse sistema por dois motivos: em primeiro lugar porque, em vez de enfraquecer a força do Estado, ele aumenta-a ao concentrar todos os poderes em suas mãos. É verdade que eles dizem que seu Estado será o Estado do povo, governado por Assembleias e funcionários eleitos diretamente pelo povo e submetidos ao controle popular. É o sistema representativo, parlamentar, aquele do sufrágio universal, corrigido pelo referendo e pela votação direta de todas as leis pelo povo. Todavia, sabemos o que vale a sinceridade dessas representações. O que é claro é que o sistema marxiano resulta, como aquele de Mazzini, no estabelecimento de um poder pretensamente popular muito forte, isto é, na dominação de uma minoria inteligente, só ela capaz de abarcar as questões complicadas inseparáveis da centralização, e, por consequência, na subjugação das massas e na sua exploração por essa minoria inteligente. É o sistema das autoridades revolucionárias, da liberdade e dirigida de cima, isto é, uma flagrante mentira.

Em segundo lugar, rejeitamos esse sistema porque ele resulta diretamente no estabelecimento de novos grandes Estados nacionais, separados e necessariamente rivais e hostis, na negação da Internacionalidade, da humanidade. Pois, a menos que eles pretendam fundar um único Estado universal — empresa absurda e condenada pela história — eles devem forçosamente fundar

Estados nacionais, ou, então, o que é ainda mais provável, grandes Estados nos quais uma raça, a mais poderosa, a mais inteligente, subjugará, oprimirá e explorará outras raças — de sorte que, sem o confessar, os marxianos fatalmente desembocam no pangermanismo.

[O manuscrito interrompe-se aqui.]

* As palavras entre colchetes correspondem às decifrações (baseadas em Nettlau) e às edições daqueles que selecionaram este material.



“A Política da Internacional” foi digitalizado a partir do livro Obras Seletas, vol. I (Intermezzo, 2016). Tradução de Plínio A. Coêlho. Edições realizadas por aqueles responsáveis pela seleção desse material.

Mikhail Bakunin

**ORGANIZAÇÃO
DE MASSAS:
INTERNACIONAL**

**Mikhail
Bakunin**

A POLÍTICA DA INTERNACIONAL (7, 14, 21 E 28 DE AGOSTO DE 1869)



I

Até agora acreditamos, diz *La Montagne*, que as opiniões políticas e religiosas eram independentes da qualidade de membro da Internacional; e, quanto a nós, é nesse terreno que nos situamos?

Poder-se-ia crer, à primeira vista, que o sr. Coullery tem razão. Isso porque, com efeito, a Internacional, ao aceitar em seu seio um novo membro, não lhe pergunta se ele é religioso ou ateu, se pertence a tal partido político ou não pertence a nenhum; pergunta-lhe simplesmente: és operário, ou, se não és, queres, sentes a necessidade e a força para abraçar francamente, completamente a causa

dos operários, para identificar-te com ela, à exclusão de todas as outras causas que poderiam ser-lhe contrárias?

Sentes que os operários que produzem todas as riquezas do mundo, que são as criaturas da civilização e que conquistaram todas as liberdades burguesas, estão hoje condenadas à miséria, à ignorância e à escravidão? Compreendeste que a causa principal de todos os males que o operário sofre é a miséria, e que essa miséria, que é o destino de todos os trabalhadores no mundo, é uma consequência necessária da organização econômica atual da sociedade, e notadamente da subjugação do trabalho, isto é, do proletariado sob o jugo do capital, quer dizer, da burguesia?

Compreendeste que entre o proletariado e a burguesia existe um antagonismo que é irreconciliável, porque ele é uma consequência necessária de suas posições respectivas? Que a prosperidade da classe burguesa é incompatível com o bem-estar e a liberdade dos trabalhadores, porque essa prosperidade exclusiva não é e não pode ser fundada senão sobre a exploração, e a subjugação de seu trabalho, e que, pela mesma razão, a prosperidade e a dignidade humana das massas operárias exigem absolutamente a abolição da burguesia como classe separada? Que, por consequência, a guerra entre o proletariado e a burguesia é fatal, e que não pode terminar senão pela destruição desta última.

Compreendeste que nenhum operário, por mais inteligente e enérgico que seja, é capaz de lutar sozinho contra a força tão bem organizada dos burgueses, força representada e apoiada principalmente pela organização do Estado, de todos os Estados? Que para dar-te força deves associar-te, não com os burgueses, o que seria de tua parte uma estupidez ou um crime, porque todos os

burgueses, como burgueses, são nossos inimigos irreconciliáveis, nem com operários infieis, e que seriam bastante covardes para ir mendigar os sorrisos e a benevolência dos burgueses, mas com operários honestos, enérgicos, e que querem francamente o que queres?

Compreendeste que, tendo em vista a coalizão formidável de todas as classes privilegiadas, de todos os proprietários, capitalistas, e de todos os Estados no mundo, uma associação operária isolada, local ou nacional, mesmo que pertença a um dos maiores países da Europa, jamais poderá triunfar, e que, para fazer frente a essa coalizão e para obter esse triunfo, não é preciso nada menos que a união de todas as associações operárias locais e nacionais numa associação universal, faz-se necessária *a grande Associação Internacional dos Trabalhadores de todos os países?*

Se tu sentes, se bem compreendeste e se queres realmente tudo isso, vem para o nosso lado, quaisquer que sejam, por sinal, tuas crenças políticas e religiosas. Mas, para que possamos aceitar-te, deves prometer-nos: 1º subordinar doravante teus interesses pessoais, mesmo aqueles de tua família, tanto quanto tuas convicções e manifestações políticas e religiosas, no interesse supremo de nossa associação: a luta do trabalho contra o capital, dos trabalhadores contra a burguesia no terreno econômico; 2º nunca transigir com os burgueses em um interesse pessoal; 3º nunca buscar elevar-te individualmente, só para tua própria pessoa, acima da massa operária, o que faria de ti mesmo imediatamente um burguês, um inimigo e um explorador do proletariado; pois toda a diferença entre o burguês e o trabalhador é a seguinte: o primeiro busca seu bem sempre fora da coletividade, e o segundo não o busca e não tenciona conquistá-lo senão

solidariamente com todos aqueles que trabalham e que são explorados pelo capital burguês; 4º permanecerás sempre fiel à solidariedade operária, pois a mínima traição dessa solidariedade é considerada pela Internacional como o maior crime e a maior infâmia que um operário possa cometer. Em resumo, debes aceitar francamente, plenamente nossos estatutos gerais, e assumirás o engajamento solene de conformar doravante teus atos e tua vida a eles.

Pensamos que os fundadores da Associação Internacional agiram com grande sabedoria ao eliminar, de início, do programa dessa Associação, todas as questões políticas e religiosas. Sem dúvida, não lhes faltaram em absoluto nem opiniões políticas, nem opiniões antirreligiosas bem definidas; mas se abstiveram de emitilas nesse programa porque seu objetivo principal era unir acima de tudo as massas operárias do mundo civilizado numa ação comum. Tiveram necessariamente de buscar uma base comum, uma série de simples princípios sobre os quais todos os operários, quaisquer que sejam, por sinal, suas aberrações políticas e religiosas, por pouco que sejam operários sérios, isto é, homens duramente explorados e sofredores, estão e devem estar de acordo.

Se eles arvorassem a bandeira de um sistema político ou antirreligioso, longe de unir os operários da Europa, eles os teriam dividido ainda mais; porque, com a ajuda da ignorância dos operários, a propaganda interesseira e, no mais elevado nível, corruptora dos padres, dos governos e de todos os partidos políticos burgueses, sem excetuar os mais vermelhos, disseminou um monte de falsas ideias nas massas operárias, e porque essas massas cegas apaixonam-se infelizmente ainda demasiado amiúde por mentiras, que não têm outro objetivo senão fazê-las

servir voluntária e estupidamente em detrimento de seus próprios interesses, aqueles das classes privilegiadas.

Por sinal, ainda existe uma diferença demasiado grande entre os graus de desenvolvimento industrial, político, intelectual e moral das massas operárias nos diferentes países para que seja possível uni-las hoje por um único e mesmo programa político e antirreligioso. Adotar tal programa como esse da Internacional, fazer dele uma condição absoluta de ingresso nessa Associação, seria querer organizar uma seita, não uma associação universal; seria matar a Internacional.

Houve ainda uma outra razão que fez eliminar inicialmente do programa da Internacional, ao menos na aparência, e *apenas* na *aparência*, toda tendência política.

Até hoje, desde o começo da história, ainda não houve política do povo, e entendemos por este termo o povo, a *canalha operária* que nutre o mundo com seu trabalho; só existiu a política das classes privilegiadas, essas classes que se serviram da força muscular do povo para destronar-se mutuamente, e para uma pôr-se no lugar da outra. O povo, por sua vez, nunca tomou partido por umas contra as outras senão na vaga esperança de que ao menos uma dessas revoluções políticas, das quais nenhuma pôde fazer-se sem ele, mas nenhuma se fez para ele, traria algum alívio à sua miséria e à sua escravidão seculares. Ele sempre se enganou. Mesmo a grande revolução francesa enganou-o. Ela matou a aristocracia nobiliária e pôs em seu lugar a burguesia. O povo não se chama escravo nem servo; ele é proclamado nascido livre em direito, mas de fato sua escravidão e sua miséria permanecem as mesmas.

E permanecerão sempre os mesmos enquanto as massas populares continuarem a servir de instrumento à

política burguesa, chame-se essa política conservadora, liberal, progressista, radical, e mesmo que se desse as aparências mais revolucionárias do mundo. Pois toda política burguesa, quaisquer que sejam sua cor e seu nome, só pode ter, no fundo, um único objetivo: *a manutenção da dominação burguesa*; e *a dominação burguesa é a escravidão do proletariado*.

Assim, o que teve de fazer a Internacional? Teve, de início, de afastar as massas operárias de toda política burguesa; teve de eliminar de seu programa todos os programas políticos burgueses. Mas à época de sua fundação, não houve no mundo outra política senão aquela da Igreja ou da monarquia, ou da aristocracia ou da burguesia; a última, sobretudo aquela da burguesia radical, era seguramente mais liberal e mais humana do que as outras, mas todas igualmente fundadas na exploração das massas operárias e não tendo, na realidade, outro objetivo senão disputar o monopólio dessa exploração. A Internacional teve de começar limpando o terreno, e como toda política, do ponto de vista da emancipação do trabalho, encontrava-se então maculada de elementos reacionários, ela teve inicialmente de expurgar de seu seio todos os sistemas políticos conhecidos, a fim de poder fundar sobre essas ruínas do mundo burguês a verdadeira política dos trabalhadores, a política da Associação Internacional.

II

Os fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores agiram com mais sabedoria ainda ao evitar introduzir princípios políticos e filosóficos como base dessa associação, e ao dar-lhe, de início, como único

fundamento apenas a luta exclusivamente econômica do trabalho contra o capital, porque eles tinham a certeza de que, a partir do momento que um operário põe o pé nesse terreno, a partir do momento que, adquirindo confiança tanto em seu direito como na força numérica, ele engaja-se com seus companheiros de trabalho numa luta solidária contra a exploração burguesa, ele será necessariamente levado, pela própria força das coisas, e pelo desenvolvimento dessa luta, a logo reconhecer todos os princípios políticos, socialistas e filosóficos da Internacional, princípios que nada mais são, com efeito, do que a justa exposição de seu ponto de partida, de seu objetivo.

Expomos esses princípios em nossos últimos números. Do ponto de vista político e social, eles têm por consequência necessária a abolição das classes, consequentemente aquela da burguesia, que é a classe hoje dominante; a abolição de todos os Estados territoriais, aquela de todas as pátrias políticas, e sobre sua ruína, o estabelecimento da grande federação internacional de todos os grupos produtivos, nacionais e locais. Do ponto de vista filosófico, como eles não tendem a nada menos do que à realização do ideal humano, da felicidade humana, da igualdade, da justiça e da liberdade na terra, que por isso mesmo tendem a tornar completamente inúteis todos os complementos celestes e todas as esperanças de um mundo melhor, eles terão por consequência igualmente necessária a abolição dos cultos e todos os sistemas religiosos.

Anunciai inicialmente esses dois objetivos a operários ignorantes, esmagados pelo trabalho de cada dia e desmoralizados, envenenados, por assim dizer, voluntariamente pelas doutrinas perversas que os governos,

de concerto com todas as castas privilegiadas, padres, nobreza, burguesia, distribuem-lhes a mancheias, e vós os apavorareis; rejeitar-vos-ão, talvez, sem suspeitar de que todas essas ideias nada mais são que a expressão mais fiel de seus próprios interesses, que esses objetivos trazem em si a realização de seus mais caros desejos; e que, ao contrário, os preconceitos religiosos e políticos em nome dos quais eles talvez os rejeitarão, são a causa direta do prolongamento de sua escravidão e de sua miséria.

É preciso distinguir entre os preconceitos das massas populares e aqueles da classe privilegiada. Os preconceitos das massas, como acabamos de dizê-lo, são fundados apenas em sua ignorância, e são totalmente contrários a seus interesses, enquanto os preconceitos da burguesia são precisamente fundados nos interesses dessa classe, e só se sustentam, contra a ação dissolvente da própria ciência burguesa, graças ao egoísmo coletivo dos burgueses. O povo quer, mas não sabe; a burguesia sabe, mas não quer. Qual dos dois é o incurável? A burguesia, sem nenhuma dúvida.

Regra geral: só se pode converter aqueles que sentem a necessidade de sê-lo, aqueles que já trazem em seus instintos ou nas misérias de sua posição, seja exterior, seja interior, tudo o que quiserdes dar-lhes; jamais aqueles que não sentem a necessidade de nenhuma mudança, até mesmo aqueles que, conquanto desejando sair de uma posição com a qual estão descontentes, são levados pela natureza de seus hábitos morais, intelectuais e sociais, a buscar num mundo que não é aquele de vossas ideias.

Convertei, rogo-vos, ao socialismo um nobre que cobija a riqueza, um burguês que gostaria de tornar-se nobre, ou mesmo um operário que só quisesse, com todas as forças de sua alma, tornar-se um burguês! Convertei

ainda um aristocrata real ou imaginário da inteligência, um douto, um meio douto, um quarto, um décimo, uma centésima parte de douto que, cheios de ostentação científica e amiúde porque apenas tiveram a felicidade de ter compreendido bem ou mal alguns livros, são cheios de desprezo arrogante pelas massas iletradas, e imaginam que são chamados a formar entre si uma nova casta dominante, isto é, exploradora.

Nenhum raciocínio, nenhuma propaganda jamais estarão em condições de converter esses infelizes. Para convencê-los, só há um meio: é o fato, é a destruição da própria possibilidade das situações privilegiadas, de toda dominação e de toda exploração; é a revolução social que, varrendo tudo o que constitui a desigualdade no mundo, moralizá-las-á, forçando-os a buscar sua felicidade na igualdade e na solidariedade.

É diferente com operários sérios. Entendemos por operários sérios todos aqueles que são realmente esmagados pelo peso do trabalho; todos aqueles cuja posição é tão precária e tão miserável que nenhum deles, a não ser sob circunstâncias completamente extraordinárias, pode nem ao menos pensar em conquistar para si mesmo, e apenas para si mesmo, nas condições econômicas e no meio social atual, uma posição melhor; tornar-se, por exemplo, por sua vez, um patrão ou um conselheiro de Estado. Incluímos também, sem dúvida, nessa categoria, os raros e generosos operários que, ainda que tendo a possibilidade de ascender individualmente acima da classe operária, não querem aproveitar-se disso, preferindo sofrer ainda algum tempo, solidariamente com todos os seus camaradas de miséria, a exploração dos burgueses a tornar-se, por sua vez, exploradores. Esses não precisam ser convertidos; eles são socialistas puros.

Falamos da grande massa operária que, extenuada por seu trabalho cotidiano, é ignorante e miserável. Esta, quaisquer que sejam os preconceitos políticos e religiosos que se buscou e, inclusive, que se conseguiu em parte fazer prevalecer em sua consciência, é *socialista sem sabê-lo*; ela é, no âmago de seu instinto e pela própria força de sua posição, mais seriamente, mais realmente socialista do que o são todos os socialistas científicos e burgueses juntos. Ela o é por todas as condições de sua existência material, por todas as necessidades de seu ser, enquanto estes últimos só o são pelas necessidades de seu pensamento; e, na vida real, as necessidades do ser exercem sempre uma força bem mais forte do que aquelas do pensamento, o pensamento sendo aqui, como em toda a parte e sempre, a expressão do ser, o reflexo de seus desenvolvimentos sucessivos, mas nunca seu princípio.

O que falta aos operários não é a realidade, a necessidade real das aspirações socialistas, é apenas o pensamento socialista; o que cada operário reclama no fundo de seu coração: uma existência plenamente humana como bem-estar material e desenvolvimento intelectual, fundada na justiça, isto é, na igualdade e na liberdade de cada um e de todos no trabalho; esse ideal instintivo de cada um que vive só de seu próprio trabalho não pode evidentemente realizar-se no mundo político e social atual, que é fundado na injustiça e na exploração cínica do trabalho das massas operárias. Assim, cada operário sério é necessariamente um revolucionário socialista, porquanto sua emancipação só pode efetuar-se pela destruição de tudo o que existe agora. Ou essa organização da injustiça, com toda a sua exibição de leis iníquas e de instituições privilegiadas deve perecer, ou então

as massas operárias permanecerão condenadas a uma escravidão eterna.

Eis o pensamento socialista cujos germes encontrar-se-ão no instinto de cada trabalhador sério. O objetivo é, pois, dar-lhe a plena consciência do que ele quer, fazer nascer nele um pensamento que corresponda a seu instinto, a partir do momento que o pensamento das massas operárias tiver elevando-se à altura de seu instinto, sua vontade será determinada e sua força tornar-se-á irresistível.

O que ainda impede o desenvolvimento mais rápido desse pensamento salutar no seio das massas operárias? Sua ignorância, sem dúvida, e em grande parte os preconceitos políticos e religiosos pelos quais as classes interessadas esforçam-se ainda hoje para obscurecer sua consciência e sua inteligência natural. Como dissipar essa ignorância, como destruir esses preconceitos malfazejos? — Pela instrução e pela propaganda?

São sem dúvida grandes e belos meios. Mas no estado atual das massas operárias eles são insuficientes. O operário isolado é demasiado esmagado por seu trabalho e por suas preocupações cotidianas para ter muito tempo para dedicar à sua instrução. E, por sinal, quem fará essa propaganda? Serão os poucos socialistas sinceros, emanados da burguesia, cheios de generosa vontade, sem dúvida, mas demasiado pouco numerosos para dar, inicialmente, à sua propaganda, toda a amplitude necessária, e, por outro lado, pertencendo por sua posição a um mundo diferente, não têm sobre o mundo operário toda a influência necessária e provocam nele desconfianças mais ou menos legítimas?

“A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores”, diz o preâmbulo de nossos es-

tatutos gerais. E ele tem mil vezes razão em dizê-lo. É a base principal de nossa grande Associação. Mas o mundo operário é geralmente ignorante; falta-lhe ainda por completo a teoria. Portanto, só lhe resta uma única via: aquela de *sua emancipação pela prática*. Qual pode e deve ser essa prática?

Só há uma. É aquela da luta solidária dos operários contra os patrões. São as *Trades-unions*, a *organização* e a *federação das caixas de resistência*.

III

Se a Internacional mostra-se de início indulgente em relação às ideias subversivas e reacionárias — seja em política, seja em religião — que operários podem ter ao ingressar em seu seio, não é em absoluto por indiferença a essas ideias. Não se pode taxar de indiferença visto que ela detesta-as e rejeita-as com todas as forças de seu ser toda ideia reacionária sendo a inversão do próprio princípio da Internacional, como já o demonstramos em nossos artigos precedentes.

Essa indulgência, repetimos uma vez mais, é-lhe inspirada por elevada sabedoria. Sabendo perfeitamente que todo operário sério é um socialista por todas as necessidades inerentes à sua posição miserável, e que ideias reacionárias, se existirem, só podem ser o efeito de sua ignorância, ela conta com a experiência coletiva, que ele não pode deixar de adquirir no seio da Internacional, e sobretudo com o desenvolvimento da luta coletiva dos trabalhadores contra os patrões para libertá-lo destes.

E, com efeito, a partir do momento que um operário, ao adquirir confiança na possibilidade de uma transformação radical da situação econômica próxima, associado a seus

camaradas, começa a lutar seriamente pela diminuição de suas horas de trabalho e pelo aumento de seu salário, a partir do momento que começa a interessar-se vivamente por essa luta toda material, pode-se estar certo de que ele logo abandonará todas as suas preocupações celestes, e que, habituando-se a contar cada vez mais com a força coletiva dos trabalhadores, renunciará voluntariamente ao socorro do céu. O socialismo assume em seu espírito o lugar da religião.

O mesmo acontecerá com a sua política reacionária. Ela perderá seu principal apoio à medida que a consciência do operário vir-se liberta da opressão religiosa. Por outro lado, a luta econômica, ao desenvolver-se e ampliar-se cada vez mais, far-lhe-á conhecer cada vez mais de uma maneira prática, e por uma experiência coletiva que é necessariamente sempre mais instrutiva e mais ampla que a experiência isolada, seus verdadeiros inimigos, que são as classes privilegiadas, inclusive o clero, a burguesia, a nobreza e o Estado; este último estando presente só para salvaguardar todos os privilégios dessas classes, e tomando necessariamente sempre o partido das classes privilegiadas contra o proletariado.

O operário, assim engajado na luta, acabará forçosamente por compreender o antagonismo irreconciliável que existe entre esses partidários da reação e seus interesses humanos mais caros, e, tendo chegado a esse ponto, não deixará de reconhecer-se e posicionar-se claramente como um socialista revolucionário.

O mesmo não se passa com os burgueses. Todos os seus interesses são contrários à transformação econômica da sociedade, e se suas ideias também são contrárias a isso, se essas ideias são reacionárias, ou como denominam polidamente hoje, moderadas; se sua inteligência e seu

coração rejeitam esse grande ato de justiça e emancipação que denominamos revolução social, se eles têm horror pela igualdade social, real, isto é, pela igualdade política, social e econômica simultaneamente; se, no âmago de sua alma, eles querem conservar para eles próprios, para sua classe ou para seus filhos, um único privilégio, mesmo que fosse só aquele da inteligência, como fazem hoje muitos socialistas burgueses; se eles não detestam, não apenas com toda a lógica de seu espírito, mas ainda com toda a força de sua paixão, a ordem de coisas atual, então se pode estar certo de que eles permanecerão reacionários, inimigos da causa operária por toda a vida.

É preciso mantê-los longe da Internacional.

É preciso mantê-los bem longe dela pois não poderiam nela ingressar senão para desmoralizá-la e para desviá-la de seu caminho. Há, por sinal, uma indicação infalível pela qual os operários podem reconhecer se um burguês, que pede para ser recebido em suas fileiras, dirige-se a eles francamente, sem sombra de hipocrisia e sem a menor reticência destruidora. Esse sinal são as relações que ele conservou no que concerne ao mundo burguês.

O antagonismo que existe entre o mundo operário e o mundo burguês assume um caráter cada vez mais pronunciado. Todo homem que pensa seriamente, e cujos sentimentos e imaginação não são absolutamente alterados pela influência amiúde inconsciente de sofismas interessados, deve compreender hoje que nenhuma reconciliação entre eles é possível. Os trabalhadores querem a igualdade, e os burgueses querem a manutenção da desigualdade. Evidentemente, uma destrói a outra. Assim, a grande maioria dos burgueses capitalistas e proprietários, aqueles que têm a coragem de reconhecer francamente o que querem, tem do mesmo modo a

coragem de manifestar com a mesma franqueza o horror que lhes inspira o movimento atual da classe operária. Estes são inimigos tão resolutos quanto sinceros; nós conhecemo-los e está bem assim.

Mas há uma outra categoria de burgueses que não têm nem a mesma franqueza, nem a mesma coragem. Inimigos da liquidação social, que nós chamamos com toda a força de nossas almas como um grande ato de justiça, como o ponto de partida necessário e a base indispensável de uma organização igualitária e racional da sociedade, eles querem, assim como todos os outros burgueses, conservar a desigualdade econômica, essa fonte eterna de todas as outras desigualdades; e, ao mesmo tempo, sustentam querer como nós a emancipação integral do trabalhador e do trabalho. Mantêm contra nós, com uma paixão digna dos burgueses mais reacionários, a própria causa da escravidão do proletariado, a separação do trabalho e da propriedade imobiliária ou capitalizada, hoje representados por duas classes diferentes; e, contudo, colocam-se como os apóstolos da libertação da classe operária do jugo da propriedade e do capital!

Enganam-se ou enganam? Alguns se enganam de boa-fé, muitos enganam; a maioria engana-se e engana simultaneamente. Pertencem todos a essa categoria de burgueses radicais e socialistas burgueses que fundaram a *Liga da Paz e da Liberdade*!

Essa Liga é socialista? No começo, e durante o primeiro ano de sua existência, como já tivemos a oportunidade de dizê-lo, ela rejeitou o socialismo com horror. No ano passado, em seu Congresso de Berna, rejeitou triunfalmente o princípio da igualdade econômica. Hoje, sentindo-se morrer e desejando viver um pouco mais, e enfim compreendendo que nenhuma existência

política é doravante possível sem a questão social, diz-se socialista; tornou-se socialista-burguesa: isso quer dizer que ela quer resolver todas as questões sociais tendo por base a *desigualdade econômica*. Quer, deve conservar o interesse do capital e a renda da terra, e sustenta emancipar os trabalhadores com isso. Esforça-se para dar um corpo ao *nonsense*.

Por que ela o faz? O que a fez empreender uma obra tão incongruente quanto estéril? Não é difícil compreender.

Uma grande parte da burguesia está fatigada do reinado do *cesarismo* e do *militarismo* que ela, própria fundou em 1848, por temor do proletariado. Recordai apenas as jornadas de junho, anunciadoras das jornadas de dezembro; recordai essa Assembleia Nacional que, após as jornadas de junho, amaldiçoava e insultava, por unanimidade menos um voto, o ilustre e, pode-se muito bem dizê-lo, heroico socialista Proudhon, que sozinho teve a coragem de lançar o desafio do socialismo a essa tropa raivosa de burgueses conservadores, liberais e radicais. E não devemos esquecer que entre esses insultadores de Proudhon há uma quantidade de cidadãos ainda vivos, e hoje mais militantes do que nunca, e que, batizados pelas perseguições de dezembro, tornaram-se desde então os mártires da liberdade.

Assim, não há qualquer dúvida de que a burguesia inteira, inclusive a burguesia radical, foi de fato a criadora do despotismo cesariano e militar do qual hoje deplora os efeitos. Depois de ter-se servido dele contra o proletariado, ela gostaria de livrar-se dele agora. Nada de mais natural; esse regime humilha-a e arruína-a.

Mas como livrar-se dele? Outrora ela era corajosa e poderosa, tinha a força das conquistas. Hoje é covarde e débil; foi acometida pela impotência dos velhos.

Reconhece demasiado bem sua fraqueza, e sente que sozinha nada pode. Precisa, portanto, de ajuda. Essa ajuda só pode ser o proletariado; desse modo, é preciso conquistá-la.

Mas como conquistá-lo? Por promessas de liberdade e igualdade política? São palavras que já não comovem os trabalhadores. Eles aprenderam às suas custas, compreenderam por uma dura experiência que essas palavras não significam para eles nada além da manutenção de sua escravidão econômica, com frequência, inclusive, mais dura que antes. Se, portanto, quiserdes tocar o coração desses miseráveis milhões de escravos do trabalho, falai-lhes de sua emancipação econômica. Não há mais operário que não saiba que esta é para ele a única base séria e real de todas as outras emancipações. Assim, é preciso falar-lhes de reformas econômicas da sociedade.

Pois bem, disseram-se os membros da Liga da Paz e da Liberdade, falemos disso, digamo-nos também socialistas. Prometamos-lhes reformas econômicas e sociais, sob a condição, todavia, de que eles queiram respeitar as bases da civilização e da onipotência burguesa: a propriedade individual e hereditária, o interesse do capital e a renda da terra.

Persuadamo-los de que, só sob essas condições, que por sinal asseguram-nos a dominação e aos trabalhadores a escravidão, o trabalhador pode ser emancipado. Persuadamo-los ainda de que, para realizar todas essas reformas sociais, é preciso de início fazer uma boa revolução política, exclusivamente política, tão vermelha quanto quiserem do ponto de vista político, com um grande abate de cabeças se isso se torna necessário, mas com o maior respeito pela santa propriedade; uma revolução inteiramente jacobina, em resumo, que nos tornará

senhores da situação; e, uma vez senhores, daremos aos operários... o que pudermos e o que quisermos.

Eis aí um sinal infalível pelo qual os operários podem reconhecer um falso socialista, um socialista burguês: se, ao falar-lhes de revolução, ou, se preferirem, de transformação social, ele diz-lhes que a transformação política *deve preceder* a transformação econômica; se ele nega que elas devem fazer-se simultaneamente ou mesmo que a revolução política não deve ser nada além da aplicação imediata e direta da liquidação social plena ou inteira; que eles deem-lhe as costas, pois, ou ele é apenas um imbecil, ou então um explorador hipócrita.

IV

A Associação Internacional dos Trabalhadores, para permanecer fiel a seu princípio, e para não se desviar da única via que pode conduzi-la a bom porto, deve armar-se sobretudo contra as influências de dois tipos de socialistas burgueses: os partidários da *política burguesa*, *até mesmo os revolucionários burgueses*, e aqueles da *cooperação burguesa*, ou pretensamente *homens práticos*.

Consideremos, inicialmente, os primeiros.

A emancipação econômica, já dissemos no nosso número precedente, é a base de todas as outras emancipações. Resumimos por essas palavras toda a política da Internacional.

Lemos, com efeito, nos considerandos de nossos estatutos gerais, a seguinte declaração:

Que a sujeição do trabalho ao capital é a fonte de toda servidão política, moral e material, e que por essa razão, a emancipação dos trabalhadores é o

grande objetivo ao qual deve estar subordinado todo movimento político.

Está claro que todo movimento político que não tem absolutamente por objeto imediato e direto a emancipação econômica, *definitiva e completa* dos trabalhadores, e que não inscreveu em sua bandeira, de maneira bem determinada e bem clara, o princípio da *igualdade econômica*, o que quer dizer *a restituição integral do capital ao trabalho*, ou, então, a *liquidação social* — que todo movimento político semelhante é burguês, e, como tal, deve ser excluído da Internacional.

Deve, por consequência, ser excluída sem piedade a política dos burgueses democratas ou socialistas burgueses que, declarando “que a liberdade política é a condição *prévia* da emancipação econômica”, só podem entender por essas palavras o seguinte: as reformas ou a revolução política devem *preceder* as reformas ou a revolução econômica; os operários devem, conseqüentemente, aliar-se aos burgueses mais ou menos radicais para fazer de início com eles as primeiras, sem excluir a eventualidade de fazer em seguida contra eles as últimas.

Protestamos francamente contra essa funesta teoria que só poderia resultar, para os trabalhadores, uma vez mais, na sua utilização como instrumento contra eles próprios e novamente em sua entrega à exploração dos burgueses.

Conquistar a liberdade política de *início* só pode significar conquistar exclusivamente ela, abandonando, ao menos durante os primeiros dias, as relações econômicas e sociais no estado em que se encontram, isto é, os proprietários e os capitalistas com sua insolente riqueza, e os trabalhadores com sua miséria. Mas essa liberdade,

uma vez conquistada, dizem, servirá aos trabalhadores de instrumento para conquistar mais tarde *a igualdade ou a justiça econômica*.

A liberdade, com efeito, é um instrumento magnífico e poderoso. A questão é saber se os trabalhadores poderão realmente servir-se dela, se ela estará realmente em sua posse, ou se, como sempre foi até aqui, sua *liberdade política* será apenas uma aparência enganadora, uma ficção.

Um operário, em sua situação econômica atual, ao qual se viesse falar de liberdade política, poderia responder pelo refrão de uma canção bem conhecida:

Não falai de liberdade.

A pobreza é a escravidão!

E, com efeito, é preciso estar apaixonado por ilusões para crer que um operário, nas condições econômicas e sociais nas quais se encontra atualmente, possa aproveitar plenamente, fazer uso sério e real de sua liberdade política. Faltam-lhe para isso duas pequenas coisas: o lazer e os meios materiais.

Por sinal, não vimos na França, no dia seguinte à revolução de 1848, a revolução mais radical que se possa desejar do ponto de vista político?

Os operários franceses não eram, decerto, nem indiferentes, nem ininteligentes e, malgrado o sufrágio universal mais amplo, tiveram de deixar os burgueses agir. Por quê? Porque lhes faltaram os meios materiais que são necessários para que a liberdade política torne-se uma realidade, porque eles permaneceram os escravos de um trabalho forçado pela fome, enquanto os burgueses radicais, liberais e até mesmo os conservadores, uns republicanos da véspera, os outros convertidos do

dia seguinte, iam e vinham, agitavam, falavam, faziam e conspiravam livremente, uns graças às suas rendas ou à sua posição burguesa lucrativa, os outros graças ao orçamento do Estado que se tinha naturalmente conservado e que se tinha, inclusive, tornado mais forte do que nunca.

Sabemos o que resultou disso: inicialmente, as jornadas de junho, depois, como consequência necessária, as jornadas de dezembro.

Todavia, dir-se-á, os trabalhadores, tornados mais sábios pela própria experiência que fizeram, não mais enviarão burgueses às assembleias constituintes ou legislativas, enviarão simples operários. Por mais pobres que sejam, eles poderão sustentar seus deputados. Sabei o que disso resultará? Os operários deputados, transportados às condições de existência burguesas, e a uma atmosfera de ideias políticas completamente burguesas, cessando de ser trabalhadores de fato para tornar-se homens de Estado, tornar-se-ão burgueses e, talvez, ainda mais burgueses do que eles próprios. Pois os homens não fazem as posições, são as posições, ao contrário, que fazem os homens. E sabemos por experiência que os *operários-burgueses* não são amiúde nem menos egoístas do que os burgueses exploradores, nem menos funestos à Associação do que os burgueses socialistas, nem menos vaidosos e ridículos do que os burgueses enobrecidos.

O que quer que se faça ou se diga, enquanto o trabalhador permanecer mergulhado em seu estado atual, não haverá absolutamente para ele liberdade possível, e aqueles que o incitam a conquistar as liberdades políticas sem tocar antes nas candentes questões do socialismo, sem pronunciar essa expressão que faz os burgueses empalidecerem, *liquidação social*, dizem-lhe simplesmente:

conquista antes essa liberdade para nós, para que mais tarde nós possamos dela servir-nos contra ti.

Mas esses burgueses são bem-intencionados e sinceros, dir-se-á. Mas não há boas intenções e sinceridade que se sustentem contra as influências da posição, e visto que dissemos que os próprios operários que se colocassem nessa posição tornar-se-iam forçosamente burgueses, por uma razão ainda mais forte, os burgueses que permanecerem nessa posição permanecerão burgueses.

Se um burguês, inspirado por uma grande paixão de justiça, igualdade e humanidade, quer seriamente trabalhar pela emancipação do proletariado, que ele comece inicialmente por romper todos os laços políticos e sociais, todas as relações de interesse bem como de espírito, de vaidade e de coração com a burguesia. Que ele compreenda antes que nenhuma reconciliação é possível entre o proletariado e essa classe; que, quem quer que viva da exploração alheia é inimigo natural do proletariado.

Depois de ter voltado definitivamente as costas ao mundo burguês, que ele venha então se colocar sob a bandeira dos trabalhadores, na qual estão escritas essas palavras: “Justiça, Igualdade e Liberdade para todos. Abolição das classes pela igualização econômica de todos. Liquidação social.” Ele será bem-vindo.

Quanto aos socialistas burgueses, bem como aos burgueses operários que vierem falar-nos de conciliação entre a política burguesa e o socialismo dos trabalhadores, só temos um conselho a dar a estes últimos: é preciso virar-lhes as costas.

Visto que os socialistas burgueses *esforçam-se hoje para organizar*, com a isca do socialismo, uma formidável agitação operária a fim de conquistar a liberdade política, uma liberdade que, como acabamos de vê-la, só benefi-

ciaria a burguesia; visto que as massas operárias, tendo chegado ao entendimento de sua posição, esclarecidas e dirigidas pelo princípio da Internacional, organizam-se, com efeito, e começam a formar uma autêntica força, não nacional, mas internacional; não para cuidar dos interesses dos burgueses, mas de seus próprios interesses; e visto que, mesmo para realizar esse ideal dos burgueses de uma completa liberdade política com instituições republicanas, é preciso uma revolução, e que nenhuma revolução pode triunfar senão exclusivamente pela força do povo; é preciso que essa força, cessando de esfaltar-se pelos Senhores burgueses, só sirva doravante a fazer triunfar a causa do povo, a causa de todos aqueles que trabalham contra todos os que exploram o trabalho.

A Associação Internacional dos Trabalhadores, fiel a seu princípio, jamais apoiará uma agitação política que não tenha por objetivo imediato e direto a *completa emancipação econômica do trabalhador*, isto é, a abolição da burguesia como classe economicamente separada da massa da população, nem qualquer revolução que desde o primeiro dia, desde a primeira hora, não inscreva em sua bandeira a *liquidação social*. Mas não se improvisam as revoluções. Elas não se fazem arbitrariamente nem pelos indivíduos, nem mesmo pelas mais poderosas associações. Independentemente de toda vontade e de toda conspiração, elas são sempre conduzidas pela força das coisas. Pode-se prevêê-las, pressentir sua aproximação, às vezes, mas nunca acelerar sua explosão.

Convictos dessa verdade, fazemo-nos esta pergunta: Qual é a política que a Internacional deve seguir durante esse período mais ou menos longo que nos separa dessa terrível revolução social que todos pressentem hoje?

Fazendo abstração, como lhe prescrevem seus estatutos, de toda política nacional e local, ela dará à agitação operária em todos os países um caráter *essencialmente econômico*, colocando como objetivo a diminuição da jornada de trabalho e o aumento dos salários; como meios, *a associação das massas operárias* e a formação das *caixas de resistência*.

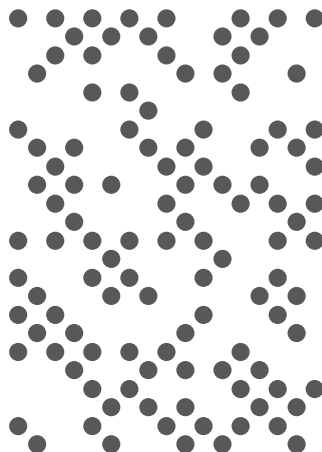
Ela fará a propaganda de seus princípios, pois esses princípios sendo a expressão mais pura dos interesses coletivos dos trabalhadores do mundo inteiro, são a alma e constituem toda a força vital da Associação. Fará essa propaganda amplamente, sem respeito pelas suscetibilidades burguesas, a fim de que cada trabalhador, saindo do torpor intelectual e moral no qual se esforçam para mantê-lo, compreenda sua situação, saiba o que deve querer fazer e em que condições pode conquistar seus direitos de homem.

Fará uma propaganda tanto mais enérgica e sincera porque na própria Internacional amiúde encontramos influências que, desejando desprezar esses princípios, gostariam de fazê-los passar por uma teoria inútil, e esforçam-se para reconduzir os trabalhadores ao ceticismo político, econômico e religioso dos burgueses.

Ela ampliar-se-á, enfim, e organizar-se-á fortemente atravessando as fronteiras de todos os países, a fim de que, quando a revolução, conduzida pela força das coisas, tiver eclodido, haja uma força real, sabendo o que deve fazer e, por isso mesmo, capaz de apoderar-se dela e dar-lhe uma direção verdadeiramente salutar para o povo; uma organização internacional séria das associações operárias de todos os países, capaz de substituir esse mundo político dos Estados e da burguesia que parte.

Terminamos essa exposição fiel da política da Internacional reproduzindo o último parágrafo dos considerandos de nossos estatutos gerais:

O movimento que se realiza entre os operários dos países mais industriais da Europa, fazendo nascer novas esperanças, dá uma solene advertência para não recair em absoluto nos antigos erros.



Este livro foi composto com as fontes das famílias tipográficas **LORA** para seu texto corrido e **OSWALD** para as titulações. Para esta tiragem, imprimiu-se o miolo em monocromia digital sobre papel offwhite 80 g/m² e a capa em policromia sobre papel cartão 250 g/m², sob a demanda da **Organização Socialista Libertária (OSL)**.